

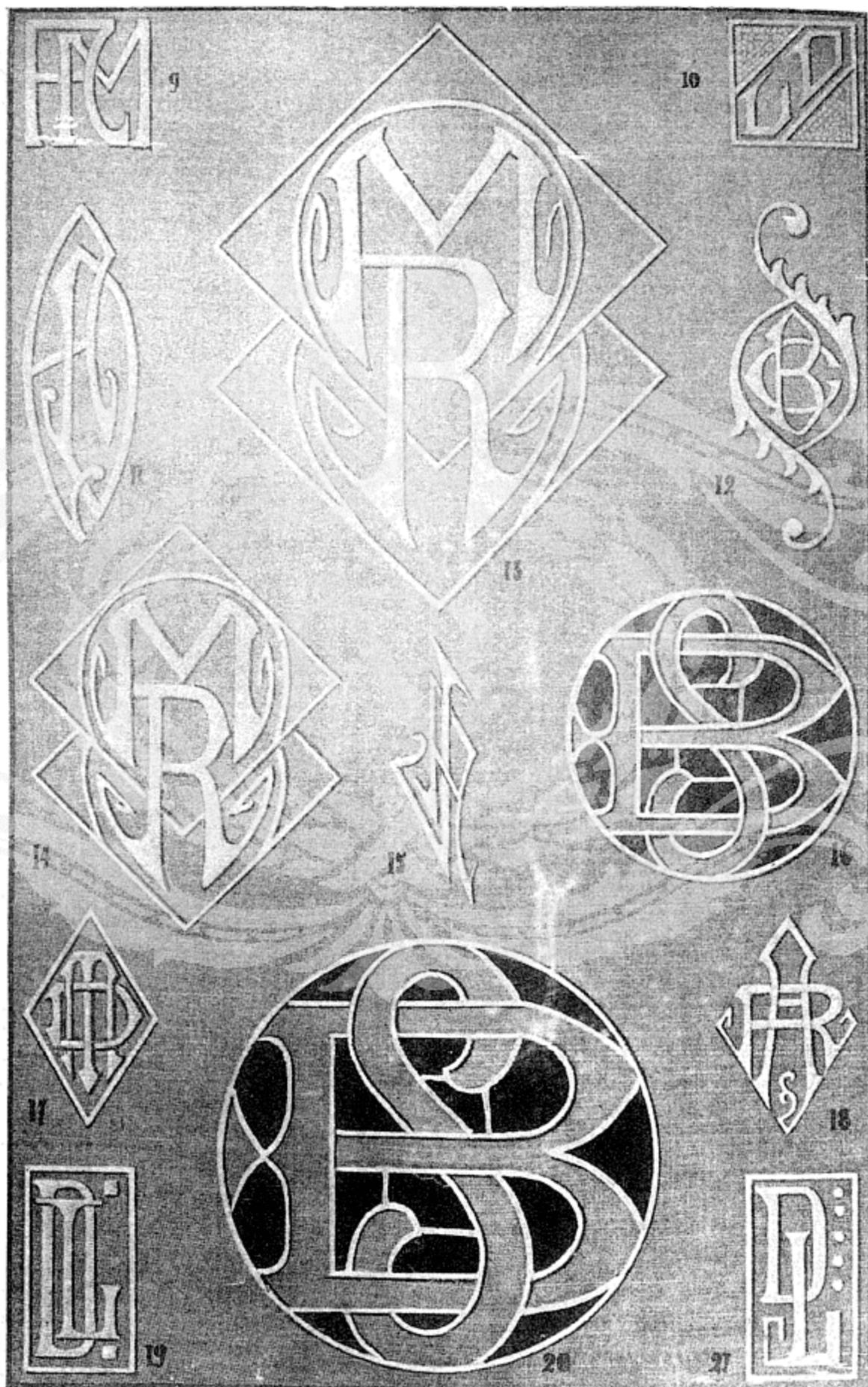
FON
fon

R



Molde no Supl. anexo

Cr\$1,00
EM TODO O
BRASIL



Originais monogramas para lenços, lingerie, toalhas e guardanapos.
 Bordados em ponto cheio, ponto «cordone» e ponto de ariz.

ANO XXXVI

NÚMERO 51

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,
19 de Dezembro
de 1942

FON

Um esquecimento de Homero

NO remoinho espúmeo da procela, Chateaubriand, alegórico e temerário, segundo uma narrativa do abade de Mondésir, citada por Maurois, fazia-se amarrar, como Ulisses, ao mastro real, para sentir o arramêso da onda e o látego do vento, clamando, tiritante e insaciado, a sua célebre interjeição: "Oh, tempestade! Não és ainda tão bela quanto te fez Homero!"

Clamor de Chateaubriand que, ainda assim, dentro da salsa tormenta, lembra o velho pensamento de Shakespeare que, pela voz maravilhosa de Cleópatra, canta e perdura longamente nas almas: "A natureza não é bastante rica para rivalizar em magnificências com a imaginação."

Porque Homero, "esse criador de um mundo divino" como panegiriza Herodoto, foi o que, mesmo através do cinerário dos séculos efêmeros, melhor descreveu, pintou e cantou uma tempestade, sem aumentar um rebojo no escachão do seu cascatear, sem esquecer uma oscilação da nave mal ferida pelo raio, sem esconder um gesto dos naufragos arrastados pelas vagas, como gralhas, em tórno do barco sossobrando.

Não há quem — herói ou mártir, gonfaloneiro ou sábio, gladiador mutilado ou apóstolo sem templo, — tendo uma bela vida legendária, uma existência de bravura e galhardia, que haja lido um fragmento de Homero, em qualquer idioma, em qualquer antologia, não se recorde, com a aproximação da morte obscura, da indelével, amargurada lamentação de Ulisses ajoelhado: "*Mais maintenant il est ôcidé que je périrai de mort misérable*"...

Na tempestade de Virgílio, o resplandecente imitador de Teócrito, há, pela marchetaria do estilo, mais lampejo, mais aflição nos desesperos, mais palpação nos movimentos, e mais vivo matiz na descrição para o fascínio dos iniciados, para sugerir aos adolescentes apaixonados da literatura, como na desolação daqueles períodos em que faz boiar, flutuando sobre o imenso abismo, entre armas e remos, as ruínas das riquezas de Tróia.

Mas, mesmo Pierre Loti, o lírico romancista do oceano, no seu "Mon frère Ives", ao cinzelar a marulhosa página sobre a tempestade, não se lembrou daquilo que, neste instante, em que talvez profano as sandálias desse encantado mendigo que insculpiu a "Ilídia", e que o juízo onipotente da posteridade cobriu com a púrpura dos deuses, vem reboar pelos meus ouvidos, num ingênuo deslumbramento.

Porque, como Homero, todos se esqueceram daquela idéia, daquele pensamento, daquelas poucas palavras de Cesar Bierrenbach, meu glorioso patrício de Campinas, eleito das musas gorjeantes, inspiração eloquentíssima de arte tribunícia, quando se refere a um vulcão — aljava de relâmpagos, alforge de raios e coriscos, em cujo seio inflamado, estrondando pelos recôncavos, moram os ecos dos trovões.

Porque, á frente da marcha atropelada das ondas, da cavalgada das maretas empinadas, da arremetida ululante dos vagalhões quebrando os alcantás, da arrancada dos oceanos afrontando os horizontes e borrifando os céus, ou na vitória espedaçada dos elementos contras as cousas, no triunfo ensandecido das águas e dos ventos contra os homens — Homero esqueceu-se do "ruflo dos tambores dos vulcões"!...

EDVARD GARMILLO

PÁGINA DO LAR

DURAÇÃO DAS FLORES

PARA que as flores cortadas durem mais, deverão merecer cuidados especiais. Antes de tudo, a melhor hora para cortá-las é pela manhã, bem cedo, procurando escolher sempre as que estão recém-abertas. Colocadas em floreiros, sem desfolhá-las muito, ter-se-á o cuidado de mudar-lhes a água todos os dias,



POLTRONAS GÊMEAS. — A mesma luz projeta claridade para tornar fácil a leitura em qualquer das duas poltronas, projetadas para um living muito claro. Fabricação em carvalho revestido em tons laranja e branco.



SOFÁ. — Seguindo o mesmo sentido de comodidade, em cada lado deste sofá coloca-se a mesinha com a mesma luz. O sofá é revestido de couro bege, e o espadar e as almofadas são de fazenda bege quadriculada de verde.

cortando uns centímetros na extremidade de seus talos. Um pedrinhas de sal no floreiro que as encerra e um pouco de água fresca para orvalhá-las de quando em quando prolongarão a vida das flores assim tratadas e aumentar-lhes-ão a louçania.

Algumas flores, como as rosas, que depois de algum tempo, enlanguecem, melhoram seu aspecto empregando água morna, e mesmo quente.

As violetas durarão mais se forem colocadas nos floreiros em ramos bem apertados, pois soltas murcham rapidamente.

Se as flores têm muitas folhas no tronco, deverão as mesmas ser cortadas antes de colocadas nos floreiros. Assim durarão mais.

BETERRABAS

A salada de beterrabas é, geralmente, servida para acompanhar o assado. Constitue a beterraba um excelente depurativo, abre o apetite, ativa a secreção salival e goza, além disso, de numerosas propriedades medicinais.

A tintura de beterrabas é indicada como o mais eficaz antídoto contra o envenenamento produzido pela nicotina que contém o tabaco.

O QUE A DONA DE CASA DEVE SABER

O frio do mármore da mesinha de cabeceira afeta o funcionamento perfeito da máquina dos relógios. Por isso, nunca é aconselhável deixá-los diretamente sobre o mármore, e sim pô-los em cima de uma calxinha, etc.

Os ovos de forma alongada são os melhores para comer cozidos, pois se diz que seu sabor é mais delicado que o dos redondos.

A carne conserva-se perfeitamente, no verão, se guardada coberta com farinha ou farelo.

Para tornar mais fresco o ar das habitações, estendem-se perto das janelas, abertas de par em par, pedaços de pano encharcados de água.

Quando se faz doce de fruta, deitam-se três colheradas de glicerina por cada libra de fruta. Isto impede a fermentação do açúcar em caso de cocção insuficiente e evita, portanto, que o doce se cristalice.

Para tirar as manchas de óxido de ferro emprega-se o ácido oxálico ou uma solução de sal de azedas, tendo sido previamente lavada a fazenda.

EPREUVE



Testemunho do poder de fascínio,
da alegria de atrair e subjugar os sentidos do
bem amado numa ciranda de perfume.
Epreuve... prodígio de encanto e fascinação.

O Encontro

CONTADA S. HENRY

O senhor Towers Chandler passava a ferro seu smoking sobre a mesa do quarto de dormir. Um ferro-de-engomar aquecia-se em uma pequena estufa de gás, enquanto outro era empurrado vigorosamente para formar, nas calças, o vinco desejado, que se estenderia, depois, dos sapatos de verniz do senhor Chandler até a beira de seu colete branco. E' o que podemos revelar da *toilette* do nosso herói. O resto deve ficar a cargo da imaginação daqueles que, por sua altiva pobreza, são levados a tão mesquinhos trabalhos.

Voltemos a encontrá-lo quando o senhor Towers descia as escadas da casa de hóspedes onde morava. Ia correta e imaculadamente vestido, tranquilo, alinhado, elegante, com a aparência do perfeito sócio de clube que se dispõe, levemente aborrecido, a inaugurar os prazeres da noite.

Chandler ganhava cem cruzeiros por semana. Era empregado no escritório de um arquiteto. Tinha vinte e dois anos. Considerava a arquitetura como uma verdadeira arte, e julgava honestamente, que o desenho de um moderno arranha-céu é inferior ao da grande catedral de Milão. Semanalmente, economizava dez cruzeiros. E no fim de dez semanas, com o capital assim acumulado, comprava no grande mostrador do Tempo o ingresso para o divertimento de um cavalheiro. Misturava-se a milionários e granfinos. Dirigia-se ao bairro onde a vida é mais brilhante e espetacular, e ali jantava com luxo e bom gosto. Com cem cruzeiros pode um homem, durante algu-

mas horas, representar com perfeição o papel de rico ocioso. A soma é ampla para um menú bem equilibrado, uma garrafa de marca respeitável, gorjetas proporcionadas, um charuto, uma viagem em taxi e as *stoceteras* comuns.

Essa noite feliz, entre setenta rotineiras e sem encanto, era, para Chandler, uma fonte de renovada bênção. A jovem que é apresentada em sociedade não conhece senão uma ostriá, que é uma única e suave recordação em sua memória quando seu cabelo se encaneceu. Para Chandler, porém, uma vez em cada dez semanas, havia uma alegria tão emocionante e tão nova como as já sentidas. Sentar-se entre os *bonvivants*, sob as palmas, em uma vertigem de música discreta... Contemplar os *habitués* de semelhante paraíso e ser por eles contemplado... Que é, comparado com isto, o primeiro balle de uma adolescente, seu primeiro vestido decotado?...

Chandler começou a desfilar pela Broadway com seu traje de rigor. Nas próximas sessenta e nove noites jantaria com seu gasto traje de rua diante da duvidosa mesa do restaurante barato, ou do mostrador de um bar, ou em seu dormitório, diante de alguns sanduíches e de uma garrafa de cerveja.

Retardou seu passeio, porque a noite não havia entrado totalmente, e quando um homem se sente ditoso um dia em setenta, é-lhe agradável demorar o prazer. Olhares brilhantes, sinistros, curiosos, admirativos, provocadores, complacentes, caíam sobre ele, porque seu aspecto e sua elegância o procla-

mavam um devoto da hora de mundanismo e de prazer.

Em determinada esquina deteve-se, hesitando se devia seguir ou voltar sobre seus passos até o resplandecente restaurante da moda, onde jantava nas suas noites de exceção. Nesse momento, uma rapariga dobrou a esquina, escorregou sobre a neve e caiu no meio-fio.

Chandler ajudou-a a levantar-se com instantânea e solícita cortesia. A jovem apoiou-se á parede de um edificio e agradeceu, sorrindo:

— Creio que torci o pé, ao cair — disse.

— Dói-lhe muito? — perguntou Chandler.

— Somente quando me firmo. Acho que poderei caminhar dentro de um ou dois minutos.

— Se posso ser-lhe útil — continuou o rapaz, — chamarei um taxi ou...

— Obrigada — respondeu a moça, suave, mas comovida. — Estou certa de que já não precisa incomodar-se por mim. Foi uma distração de minha parte. Devia ter mais cuidado ao caminhar, pois meus saltos não são nada extraordinários. Não posso culpá-los.

Chandler olhou a jovem e descobriu que ela lhe interessava. Linda e refinada, seu olhar era, a um tempo, alegre e cordial. Vestia modestamente um simples traje negro, que sugeria o uniforme de uma vendedora de loja. Seus lustrosos cabelos castanhos deixavam-se ver sob um chapéu de palha negro, barato, cujo único adorno consistia em um laço de veludo. A jovem poderia ser fixada como o arquétipo da mulher que trabalha.

Uma súbita idéia surgiu no cérebro do jovem arquiteto. Convidaria aquela moça para jantar com ele. Ali estava o elemento que faltara em suas esplêndidas mas solitárias festas periódicas. Seu breve momento de luxo elegante seria duplamente agradável, se pudesse acrescentar-se a companhia de uma dama de sociedade. Aquela jovem era uma dama, disso estava certo, porque suas maneiras e suas palavras o demonstravam. E não obstante a extrema simplicidade de seu traje, Chandler adivinhou que



se sentiria encantado de tê-la como companheira de mesa.

Estes pensamentos passaram rapidamente por seu espírito e ele resolveu interrogá-la nesse sentido. Era, sem dúvida, uma infração à etiqueta, mas, frequentemente, as moças que trabalham deixam de lado os formalismos dessa espécie. São, em geral agudos juizes dos homens; e confiam mais em seus próprios juizes que nas convenções inúteis. Os cem cruzeiros de Chandler, discretamente invertidos, permitiriam a ambos um excelente jantar. Este seria, certamente, uma maravilhosa experiência na monótona rotina da vida daquela jovem. E o cálido reconhecimento que ela guardaria dessa circunstância somar-se-lia ao triunfo e ao prazer de Chandler.

— Creio — disse-lhe o rapaz, gravemente — que seus pés necessitam de um descanso mais prolongado do que você supõe. Vou sugerir um meio para que possa procurá-lo, ao mesmo tempo que me faz um favor. Eu me dirigia ao restaurante para jantar sozinho, quando você apareceu. Venha comigo. Jantaremos e conversaremos juntos, e no fim estou certo de que seu pé ficará curado.

A moça olhou rapidamente o rosto claro e agradável de Chandler. Seus olhos piscaram e, em seguida, ela sorriu, ingenuamente.

— Mas não nos conhecemos... Parecer-lhe-la bem?...

— Não há nada de mau — respondeu Chandler, com toda a candidez. — Vou apresentar-me... Premita-me... Chamo-me Towers Chandler. Após o nosso jantar, que eu procurarei tornar o mais agradável possível, despedir-me-ei da senhorita ou a acompanharei até a porta de sua casa, segundo preferir.

— Mas, meu Deus! — observou a jovem, lançando um olhar ao impecável traje de Chandler. — Com este vestido velho e este chapéu!

— Isso não importa — respondeu Chandler, alegremente. — Estou certo de que você ficará mais encantadora com eles que muitas das damas que veremos, com suas complicadas *toilettes* de noite.

— O calcanhar ainda me dói — admitiu a rapariga. — Creio que aceitarei seu convite, senhor Chandler. Pode chamar-me... Marian.

— Vamos, então senhorita Marian — disse o jovem arquiteto, com perfeita cortesia. — Não terá que caminhar muito. Há um restaurante muito respeitável e muito bom no outro quarteirão. Terá que apoiar-se em meu braço, assim, e caminhar lentamente. Estou quasi alegrando-me de ter você resvalado na neve...

O restaurante não era tão espetacular e com pretensões como seu preferido de Broadway, mas lhe parecia bom. As mesas estavam ocupadas, em sua totalidade, por comensais de próspera aparência. Havia uma boa orquestra, que tocava com a suavidade suficiente para fazer da conversação um prazer, e a cozinha e o serviço desafiavam qualquer crítica. A companheira, mesmo com seu chapéu e seu vestido baratos, manejava-se com um donaire que dava distinção à natural beleza de seu rosto e de sua figura. E era indubitável que ela olhava Chandler, dono de uns modos mimados mas justos, e de

olhos azues, cordiais e francos, com algo que não estava muito longe da admiração.

Foi então que a loucura da cidade, o frenesi do grandioso, o bacilo da jactância, a praga provincial da pose se apoderaram de Towers Chandler. Ele estava em Broadway, rodeado da pompa e da magnificência, e havia olhos que o olhavam. Estava no cenário dessa comédia onde ele queria representar o encontro fugaz de uma mariposa da moda com o homem mundano, opulento e de bom tom. Estava vestido para seu papel, e seu

(Conclue nas págs. 10 e 11)



SAIBAM TODOS



DIREÇÃO DE BASTOS PORTELA (YVES)

E. FEITOSA (Capital) — Escreve o sr.:

"Presado diretor de FON-FON. Leitor de FON-FON que sou, muito satisfeito ficaria se v. s. submetesse à sua sábia apreciação estes modestos trabalhos em versos, que tomo a liberdade de enviar-lhe. Com todo o respeito subscrevo-me, etc."

TORTURAS DE UM CORAÇÃO

*Encarcerado vive o coração,
Enquanto vida tem o nosso ser.
Mas, neste tempo, assiste na prisão,
Momentos de tortura e de prazer.*

*E, neste metamórfico viver,
Qual pássaro vivendo da ilusão,
De súbito lhe chega o anoitecer
de tudo que sonhou na solidão.*

*Melhor lhe fôra nunca ter pensado
Alimentar o sonho arcandorado,
De viver para quem nunca lhe amou.*

*Melhor lhe fôra ter perdido a vida,
Que do cárcere vêr a despedida
Do ideal pelo qual se apaixonou.*

EULAMPIO FEITOSA

Diz o sr., acacianamente, que o coração vive encarcerado, "enquanto vida tem o nosso ser"... Bôas! E o sr. queria que êle estivesse livre... do corpo? Coração liberto do corpo só o de boi... no açougue... Mas êsse coração bovino, apesar dos pezares, não daria para alimentar, o seu sonho... "arcandorado"... nem mesmo frito, com "batatas"... na panela do seu belo cassange...

P. F. (S. Paulo) — Aquí vai a sua missiva:

"Lorena, 14 de novembro de 1942. Sr. Bastos Portela (Yves). Saudações. Com a presente venho a sua presença solicitar-lhe um favor. Tenho grande interesse em conhecer o caracter de uma pessoa, e por isso tomo a liberdade de apelar para os seus conhecimentos pedindo a finesa de aceitar a grafia da mesma. Sei que só atende a pessoas muito íntimas, porém espero de sua parte uma especial atenção e antecipadamente muito agradeço. Peço-lhe mais ainda, por favor, a resposta pelo próximo número do FON-FON."

Resposta:

1.º — Realmente, não faço estudos de grafologia, senão para as pessoas da minha intimidade. Entretanto, poderia abrir uma exceção para a minha distinta leitora — por se tratar de uma paulista.

2.º — Infelizmente, porém, a senhora me pede um favor que me colocaria na posição de um sujeito desleal — o que eu não aceitaria por dinheiro algum. Eu nunca me prestaria ao papel de estudar a letra de uma pessoa, sem o conhecimento, desta — apenas para ser agradável a um terceiro.

Isso é comum nas macumbas...

3.º — De resto, em se tratando de assuntos do coração alheio, eu não intervenho nunca... Porque, quando eu souber o caminho da felicidade, só o ensinarei às pessoas da minha amizade... E' humano, ou não é?

HELOISA MARTA (Capital) — Leiamos a sua cartinha:

"Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1942. Senhor Yves. Saudações. Envio-lhe um trabalho de minha autoria, para que o senhor tenha a bondade de julgá-lo.

Ficaria muitissimo satisfeita se êle conseguisse agradar-lhe e eu o pudesse vêr publicado no FON-FON.

Aguardo ansiosamente sua resposta, o que desde já muito agradeço.

Muito grata também pela atenção dispensada, subscrevo-me, atenciosamente — *Helôisa Martha.*"

Desejaria ser-lhe agradável, publicando o seu trabalho. Este, porém, não me ajuda: reflete um espírito muito infantil.

Entretanto, força é convir em que a senhora posue uma forma elegante de dizer as cousas. Com um bom guia, um orientador dedicado, talvez pudesse produzir belas páginas.

Creia, porém, que aquí estou, a seu dispôr — e terei prazer em publicar a sua colaboração — desde que esta se coloque á altura do FON-FON.

Está entendido?

N. C. B. (Capital) — E aquí vai o bilhete que me envia:

"Rio 10-11-42. Sr. Yves. — Saudações. Confio, essas "quadras" á seu inteiro rigor e completo julgamento, que são por mim, classificados como os mais justos.

Com os agradecimentos antecipados por toda e qualquer atenção desejo-lhes felicidades. (e a mim também)."

Não deixa de ser muito simpático o seu recado... De minha parte, há indiscutível boa vontade. Mas não posso fazer nenhum milagre.

Quando conversar com algum poeta ou crítico autorizado, não se esqueça de lhe pedir algumas noções sobre a arte poética. E verá que estou com toda a razão...

BASTOS PORTELA (YVES)

"SAIBAM TODOS..."

é a secção informativa dos leitores de Fon-Fon. Ela se propõe a auxiliar os que necessitem de uma informação preciosa. E' um guia do leitor, especie de "vademecum", destinado a consultas rápidas e uteis.

Endereço — Rua da Assembléa n.º 62 — Caixa Postal 97 — Telefone: 22-4136 Rio. — Toda e qualquer correspondência referente a esta secção deverá ser dirigida a Yves nesta redação, acompanhada do coupon da pagina ao lado.

COUPON

Data da consulta.....

Nome do consulente.....

19 - 12 - 1942



Proteja o encanto natural do seu rosto contra as manchas e sardas!

**Dê ao «charme» da sua pele a
proteção do LEITE DE COLONIA!**

Se aparecem, agora, manchas, sardas e espinhas em sua pele, não procure disfarçá-las com artifícios em exagero. Trate acertadamente essas imperfeições com Leite de Colonia. Além de corrigir manchas,

sardas, cravos, espinhas e outras erupções da cutis, Leite de Colonia é ainda esplêndido fixador do pó de arroz. Leite de Colonia protege... limpa... alveja e amacia a pele. Use-o duas vezes ao dia para defender o "charme" natural do seu rosto.

Leite de Colonia



Assim como a PUREZA valoriza os brilhantes, assim também a pureza dos ingredientes que entram na confecção do SABONETE DE REUTER fazem d'elle uma joia preciosa no tocador de uma mulher elegante.

Um corpo de chimicos norte-americanos, depois de haver examinado os componentes do SABONETE DE REUTER, assim se manifestou: "São tão puros que se podem comer".

Delicioso para o banho pela suavidade e fragrancia de sua espuma... Incomparavel para as mãos e para o rosto, porque branqueia a pelle, dá-lhe frescura e protege-a contra as manchas e rugas. Proclamado em todo o mundo como o Sabonete ideal para o asseio e hygiene das creanças desde a mais tenra idade.



MOLDES DE "FON-FON"

Queria remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º publicado no FON-FON de de acôrdo com as seguintes medidas:

Comprimento do decote da cintura dos quadris da barra
 Circunferencias: do busto da cintura dos quadris
 Medidas do ombro da manga do punho das costas

Junto a importancia de (em selos de 20 centavos do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME

RUA N.º

CIDADE ESTADO

Juntar a importancia de três cruzeiros (Cr \$ 3,00) em dinheiro ou em selos de 20 centavos, para entrega a domicilio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — o preço será de dois cruzeiros e cinquenta centavos (Cr \$ 2,50).

Toda correspondencia deverá ser dirigida para o seguinte endereço:
 RUA DA ASSEMBLÉIA, 62-1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CAPITAL

O ENCONTRO

(Conclusão)

anjo bom não poderia impedir-lhe que o representasse.

Assim é que começou a falar a Marian sobre clubes, chás, partidas de golf, cavalgadas, exposições caninas, saraus e viagens pelo exterior, deixando deslizar algumas sugestões sobre um suposto hiato próprio. Chandler adivinhou que impressionava muito a jovem com sua palestra vaga. E assim sublinhou sua atitude com espaçadas insinuações sobre uma grande fortuna, e referiu-se, familiarmente, a alguns nomes importantes. Aquele era o grande dia de Chandler, que dele tirava todo o partido possível, na sua opinião.

— Essa vida de que você me fala — disse ela — parece-me fugaz e inútil. Não tem alguma tarefa capaz de interessá-lo mais?

— Minha querida Marian! — exclamou Chandler. — Tarefas!... Pense que é preciso vestir-se todos os dias para o jantar, fazer meia dúzia de visitas á tarde. Nós, os que nada fazemos, somos os trabalhadores mais esforçados.

O jantar terminou, o garçon recebeu uma generosa gorgeta e o casal retornou á esquina onde se havia encontrado. Marian caminhava muito bem agora.

— Obrigada por sua companhia — disse ela a Chandler, com encantadora franqueza. — Devo correr a casa. Gostei muito do jantar, senhor Chandler.

Ele estreitou-lhe a mão, sorrindo cordialmente.

Em seu pobre quarto, Chandler preparou seu traje de rigor para um descanso de sessenta e nove dias.

— Uma jovem magnífica — pensou. — E honesta, estou certo, a-pesar-de ser obrigado a trabalhar de sol a sol. Se eu lhe tivesse dito a verdade, em vez de entontecê-la com fantasias, talvez pudessemos... Mas eu tinha que prestigiar meu traje, que diabo!...

A jovem, depois de deixar Towers

Chandler, atravessou rapidamente a cidade até chegar a uma formosa e tranquilla residência. apressadamente e subiu até a habitação onde uma lindíssima jovem olhava ansiosamente, de uma janela, para a rua.

— Oh! Afinal, chegaste! — exclamou, quando a outra entrou. — Quando deixarás de assustar-nos dessa maneira? Há duas horas

que saíste com esse melho vestido e o chapéu de Maria. Mamãe está amarradíssima. Mandou o Luiz, com o carro, procurar-te.

— Não te zangues, irmãzinha. Fui até a casa de Madame Theo para recomendar-lhe que pusesse adornos malva em meu vestido, em vez de rosa. Este traje e o chapéu de Maria eram necessários para que todos me confundissem com uma caixaíra.

— Já jantámos, querida... Chegas muito tarde.

— Já sei. Escorreguei na rua e torcí o pé. Não podia caminhar. De modo que entrei em um restaurante e fiquei ali até passar a dor.

As duas jovens sentaram-se junto à janela, contemplando as luzes e o tráfego intenso da avenida. Maria descansou a cabeça no regaço da irmã.

— Teremos que casar algum dia — disse, sonhadamente. — Possuímos tanto dinheiro, que não nos será permitido decepcionar nossas relações. Permites dizer-te a classe de homem que eu amaria?

— Fala, cabecinha louca! — sorriu a outra.

— Amaria um homem de olhos azues. Amável e respeitoso com as raparigas pobres. Elegante e bom e que não procurasse flirtar. Mas eu só poderia amá-lo, se ele tivesse uma ambição, um objetivo, algum trabalho a realizar na vida. Não importaria que fosse pobre, se eu pudesse ajudá-lo a abrir caminho. Mas, irmãzinha querida, a classe de homem que sempre encontramos, o homem que vive uma vida ociosa entre suas relações sociais e seus clubes — esse não poderia ser amado por mim, embora tivesse os olhos azues e fosse gentilíssimo com as raparigas pobres...

PENSAMENTOS

Desconfia sempre dos discutidores: eles duvidam de suas idéias e querem aproveitar das tuas...

Ninguém pode ser justo, se não é humano.

Gravamos nos mármore e nos bronzes os direitos do homem. Preciso seria gravar em ouro a lista dos seus deveres.

SUPER CERA
GOSCH Usando-a uma vez por mês terá o esmalte sempre brilhante.

19 - 12 - 1942



Por onde se conhece a idade da mulher

INSTITUTOS DE BELEZA ATESTAM...

... que a PASTA RUSSA reativa o tecido fibroso e melhora o colorido da pele

★ A plástica perfeita do busto significa elegância e juventude. Escos caídos, sem linha, prejudicam a silhueta feminina. É fácil, porém, reconquistar a perfeição do busto. A PASTA RUSSA, isenta de perigo para o organismo, usada diariamente em massagens, ativa a circulação do sangue, age sobre os tecidos atrofiados e dá firmeza aos seios. Recupera a juventude do busto usando PASTA RUSSA, um produto científico de absoluta confiança.



PASTA RUSSA

Em todas as boas farmácias e drogerias

Distribuidores: ARAUJO FREITAS & Cia. - R. Miguel Couto, 28 - Rio

À Mulher Brasileira...



Um grande sucesso de livraria, encerrando uma série de conselhos e ensinamentos práticos que toda mulher deve seguir em benefício da sua Saúde, Beleza e Mocidade!

Pedidos a Léa Silva — Rádio Nacional, acompanhados do cupom abaixo e da importância de 15\$000 ou nas principais livrarias do Rio.

Nome

Rua

Cidade

Estado

LEIAM os romances de FON-FON, que se encontram à venda na Companhia Editora "Fon-Fon" e "Seleta", à Rua da Assembléia, 62. — Rio de Janeiro. — Variadíssimas coleções.

FON - FON

— 11 —

Culinária de Bom Gosto



MASSA COM RECHEIO DE NOZES: — Misture 3 gemas, 1 clara, 400 gramas de farinha de trigo, 3 colheres de manteiga, 3 colheres de açúcar e 1 pitada de sal. Junte meia xícara de leite, aos poucos, depois sove a massa. Adicione 1 colher de fermento em pó, bem cheia, e continue a sová-la. Estenda sobre o mármore e corte em pedaços triangulares. Passe manteiga na superfície dos triângulos com o auxílio de um pincel, coloque uma colher de sopa do recheio cuja receita damos a seguir e enrole a massa comprimindo as extremidades. Leve ao forno bem quente. Recheio de nozes: Faça uma calda grossa com 2 xícaras de açúcar. Junte 1 xícara de nozes moídas e 1 ovo. Leve ao fogo, mexendo, e depois coloque, às colheradas, no centro de cada triângulo, como já explicamos.

SONHOS DE BANANA: — Amasse 4 bananas, junte 1 colher de farinha de trigo, 1 colher de açúcar, 1/2 colher de manteiga, 1 xícara de leite e 1 pitada de sal. Ponha a esquentar numa frigideira um pouco de banha (feita de toucinho fresco). Quando estiver quente, deite a massa de banana às colheradas. Deixe escorrer sobre papel e sirva com açúcar e canela.

"SUNDAE" DE CHOCOLATE:—Coloque um pouco de chocolate ralado para derreter em banho-Maria. Adicione o conteúdo de 1/2 lata de leite condensado, mexendo bem, e em seguida uma xícara de água. Retire do fogo, deixe esfriar e junte 1 pitada de vanilina. Bata meia xícara de creme de leite fresco e adicione ao chocolate já frio. Despeje na forma e leve ao refrigerador até que principie a endurecer. Misture um pouco, com um garfo, e deixe então congelar.

SORVETE DE CREME DE BAUNILHA: — Coloque em uma panela grande 1 litro de leite com 250 gramas de açúcar e uma vagem de baunilha. Deixe que ferva. Bata 8 gemas e misture a um pouquinho de leite e leve ao fogo novamente para que engrosse, porém sem deixar que ferva. Esfrie e congele. Ao servir o sorvete, despeje o molho cuja receita damos a seguir e salpique com nozes picadas. Molho de chocolate: Ponha em uma panela 6 paus de chocolate, 50 gramas de açúcar e 1/4 de litro de leite. Leve ao fogo e quando começar a engrossar retire.

SANDUICHES DE ESPARGOS: — Retire os espargos de uma lata e corte todas as pontas, guardando-as para enfeitar os sanduiches. Amse com um garfo o resto dos espargos. Leve ao fogo meio litro de leite com uma boa pitada de sal, desmanche 1 colher de maizena em meia xícara de leite frio e junte ao leite que está no fogo, mexendo bem. Junte também 2 colheres de manteiga e os espargos amassados, mexendo tudo. Assim que estiver grosso, retire do fogo e passe sobre triângulos de pão de forma, enfeitando os sanduiches com as pontas dos espargos e picadinho de ovo cozido.

TORTA AMERICANA: — Peneire 2 xícaras de farinha de trigo com meia colherinha de sal. Junte 8

colheres de manteiga gelada e misture com um garfo (A medida é feita ao nível, isto é, raspa-se a superfície com uma faca). Adicione meia xícara de água gelada e misture bem. Estenda sobre o mármore enfarinhado. A grossura deve ser de meio centímetro. Forre a forma Pyrex e leve a assar até corar. Retire do forno e coloque o seguinte recheio: Misture 1 xícara de açúcar preto, 2 colheres de farinha de trigo e uma pitada de sal; junte quase uma xícara de água e 1 colher de vinagre; cozinhe, mexendo constantemente. Junte 2 colheres de manteiga, ao tirar do fogo, e algumas gotas de essência de baunilha. Disponha no fundo da forma, já forrada com a massa, uma camada de pedacinhos de maçãs ácidas descascadas. Coloque no meio dos pedaços 100 gramas de amêndoas descascadas. Despeje calda. Cubra com o resto da massa, acerte bem as bordas e leve a assar por uns 30 a 40 minutos.

BERINGELAS COM TOMATES E CEBOLAS: — Corte 6 beringelas em rodela, deixe que fervam em pouca água com sal, durante uns 15 minutos, e ponha sobre uma peneira para que escorra o caldo. Corte 3 cebolas e 3 tomates em rodela. Deite em uma frigideira 200 gramas de manteiga, e aí ponha as cebolas, já cortadas, até que fiquem fritas.

Em um prato forrado com um pouco de manteiga e farinha de rosca, coloque algumas fatias de beringelas, alternadas com rodela de cebola e tomates. Despeje-lhes por cima um molho feito com a manteiga em que foram fritas as cebolas, juntando um pouco de farinha de trigo e meio litro de leite. Misture bem e leve ao fogo para que cozinhe. Depois de cobrir a primeira camada de legumes com este molho, arrume o resto das fatias de beringelas. Cubra-as com queijo ralado e leve o forno por poucos minutos.

PANQUECAS AMERICANAS. — Peneire juntamente 1 xícara de farinha de trigo, 2 colherinhas de fermento e meia colherinha de sal. Depois de bater 1 ovo, junte-lhe uma xícara (mal cheia de leite. Adicione o líquido, aos poucos, à farinha, misturando bem. A massa deve ficar como um mingau, porém não muito grossa. Aqueça uma frigideira pequena e unte-a levemente de manteiga. Coloque no centro uma quantidade suficiente de massa, para cobrir todo o fundo, deixando-a estar alguns minutos sobre fogo forte. Quando notar que estiver corada, vire do outro lado, com o auxílio de uma espátula.

As pessoas que já possuem uma certa prática, viram as panquecas com um simples movimento de frigideira. E' de esperar que cada uma de vós, leitoras amigas, breve conseguirá fazê-lo, sendo esta receita de muito fácil execução e recomendada nas emergências, devendo, por isso, ser usada frequentemente.

Quando a frigideira for grande, deite a massa, às colheradas, bem separadas umas das outras, cozinhando assim 3 ou 4 panquecas de uma vez.

Sirva-as quentes, com bastante manteiga e geléia.

A BOA ESPOSA

UMA luz clara rompe a pele escura da noite como uma ferida luminosa. Vem do escritório de Mario Luiz. Mais um serão. Mais uma página brilhante a juntar-se à prole sadia do seu cérebro fecundo.

Firme, elegante, ágil, a pena desliza no papel deixando um rastro maravilhoso de frases magistrais. A' medida que escreve, Mario Luiz se inclina sobre o bloco de papel, testa vincada, olhos estranhamente fixos, como se fôsse pressuroso ao encontro de um mundo ideal, de um mundo só espírito, só grandeza, só verdade — o seu mundo de sonho, o seu mundo...

Sua cabeça grisalha, de belas feições, fica, assim imóvel, de uma beleza fascinante, quasi divina, quasi irreal, tão rara, tão distante...

Na esquina da rua um casal se despede. O homem é o mesmo tipo vulgar de todos os «granfinos» que pululam nas praias durante o dia todo, á porta dos cinemas e na beira das calçadas, prejudicando o trânsito. A mulher é um tipo de beleza surpreendente: corpo esbelta, de curvas tentadoras, olhos verdes, grandes, lânguidos, boca perfeita, pele finíssima, lindos cabelos negros. Falando, disfarça com a música da voz a tempestade de tolices agradáveis que uma longa experiência lhe deixou. Triste, comove; rindo, arrebatava.

Mãos enlaçadas, trocam as últimas palavras:

— E teu marido?

Ela ergue a mão bem feita e bem cuidada em direção á luz que assinala o escritório de Mario Luiz.

— Vês? Sempre o mesmo... Quando entrar, não irá receber-me apreensivo e amoroso. Nem me olhará, talvez. Ou então, se o fizer, será para dizer: «Estou quasi concluindo o novo livro. Prepara-me um café, vou aproveitar a inspiração. Se quiseres, vai dormir». Escrever! Escrever! Escrever! Noites em claro, refeições rápidas, olhares longínquos, frases sem sentido... Vejo outros por aí que também escrevem; são nomes conhecidos, enriquecem, e têm ainda muito tempo para levar a mulher ao casino, ao teatro, ao clube, ao cinema, etc. Interessam-se pelas mínimas cousas que constituem a validade feminina e cuidam, também, de si próprios.

— Sua vida é, realmente, uma prisão!

— Uma ilusão, isso sim! Causo inveja ás amigas, á sociedade, ao mundo, porque sou esposa de um gênio, mas ninguém sabe da minha vida real! Entretanto... vês o Amâncio? Um poeta que escreve em quasi todos os jornais e revistas! Pega no lapis, faz um soneto: a pedra do caminho, a nuvem do céu, o espinho da rosa, a corcova do camelo, os cabelos da amada. Pronto! Tira duas ou três cópias, manda para diversas revistas. No outro dia, um poema: a morte do sambista, o luar na montanha, a roupa secando na corda, o estômago vazio, o bonde que passa, a saudade, a guerra, o resfriado... Pronto! E á tarde chega a casa carregado de presentes para a mulher, á noite vão a um jantar, a um baile ou a um teatro; gozam a vida e a mocidade. A Marlene estará amanhã embarcando para os Estados Unidos com o marido, com o Amâncio, o célebre Amâncio cujo retrato sai em todos os jornais, enclimado de títulos como estes: o poeta-futurista, o malabarista do ritmo, o novo acadêmico, da cuica á lira. E eu, jovem, bonita, cheia de vida, terel de ficar, com certeza, de termômetro na mão á cabeceira do meu marido intelectual, reumático, neurastênico e sensível!...

Entim, enquanto não me negar dinheiro e liberdade, irei sendo a Amélia fiel e dedicada, a mulher de verdade...

Ele ri. Ela suspira.

A ferida da noite continua sangrando...

AGENORA DE CARVOLIVA



Seja moderna
Prefira um pó de arroz
científico

• É um pó esterilizado que nunca prejudica a cutis. • Adere 2 vezes mais firmemente porque é de consistência superfina, dando sempre ao seu rosto a aparência linda e aveludada de uma pétala. • Cada caixa contém o peso integral de 60 grs. de Pó de Arroz "Marie Lod", que é muito mais econômico! • 9 cores modernas, uma das quais é feita para combinar exatamente com o seu tipo. • Seu delicioso perfume completa a requintada elegância da mulher moderna.

Os Segredos de Beleza
da mulher moderna

Marie Lod

RIO
NOVA-YORK

O cold-cream Marie Lod limpa, alimenta e aveludá a pele Nas boas casas do ramo.



FON FON

Feminino

Desenhos de
J. LUIZ

DIREÇÃO DE HÉLÈNE

O VERÃO...
A GUERRA...
A MODA...

O Verão tem, entre nós, americanos, aquela influência dominadora sobre a moda que no Velho Mundo caracteriza a estação oposta — o inverno.

E não há senão o recurso ao uso de tecidos leves, modelos singelos, ágeis, vaporosos, em que a comodidade e a elegância fazem a graça característica do belo-sexo.

Agora, entretanto, de mãos dadas com o verão, a guerra se apresenta como fator também decisivo na simplicidade e leveza da «toilette» feminina. E' a necessidade de submeter, aos ditames da economia a escolha do tecido, o feitiço, o uso e a própria finalidade da indumentária.

Exemplo típico da moda destes dias de estio e «racionalamento», é a adoção dos sóbrios costumes de linho, de panamá, de «shantung», dos vestidinhos leves de organdi, dos modelos de crepon estampado «estilo yankee», das graciosas «toilettes» de «voile», etc.

Com êles elegante e grácil, transita o belo-sexo pela cidade, suavizando a gravidade preocupada destes dias de guerra e a força do verão tropical, ostentando silhuetas amáveis, onde o branco, o rosa-pálido, o amarelo-canário e os tons claros, em geral, têm o seu benéfico predomínio.

Se o automóvel deixou de ser assíduo nas ruas da cidade, nas praias, nos passeios pitorescos, a bicicleta o substituiu na companhia da gente de bom tom. Parece mesmo que a bicicleta conseguiu uma oportuna «promoção» no seio da aristocracia elegante...

A indumentária feminina afeiçoou-se ao ciclismo generalizado. São de moda, por isto, além dos «shorts» atrevidos, as graciosíssimas saias-calça, amplas, feitas de tecido adequado, acompanhando os lindos casacos esportivos, ou a definirem — com as blusas claras e vaporosas — o traço sedutor da moda, contemporânea da guerra e do verão...

Rio, Dezembro de 1942.





Apresentamos, nesta página, algumas sugestões para vestidos meio-“toilettes”:

1. Em jersey azul-hortênsia tendo a parte mais alta da saia drapeada, amarrando de um lado.
2. De tafetá de seda natural azul-marinho com a saia de quatro babados “godet”.
3. De seda negra, meio-fosca, com a saia transpassada e drapeada na frente: guarnições de fustão.
4. De “faille” branco com dois babados “en forme”, sobrepostos, na jaqueta justa.
5. De seda negra com aplicações de fita de gorgorão plissada, terminando em laços, na frente.



Algumas idéias para vestidos de passeio:

1. *Modelo para execução em seda fosca, azul-pastel, com as mangas e parte da saia da mesma seda "bois de rose". Pespontos neste último tom.*
2. *Acompanhando um modelo de seda branca, luvas e turbante de cor viva com pastilhas brancas.*
3. *Num vestido negro, grandes ilhoses de galalite, pelos quais passa larga faixa enviezada de jersey verde pistache, que cruza nas costas, contorna a cintura e amarra de um lado.*
4. *Modelo para confecção em jersey de seda negro, com embutidos de "cirée".*
5. *Graciosa saia arregaçada de um lado, própria para fazendas flexíveis como o jersey de seda, o crepe romano ou o cetim.*

Interessante "solidéu" de fustão branco, tendo ao alto grande laço do mesmo fustão, engomado.

Costume de "shantung" azul-turquesa, de saia ligeiramente franzida e casaquinho cintado, com lapelas arredondadas. Blusinha de seda branca com o decote e a frente ornados com estreito babadinho plissado.

Vestido de seda azul-marinho com a frente, o decote e as mangas guarnecidas com finíssima renda verdadeira, creme. Grandes botões cobertos da mesma seda.





Para menina de 6 a 10 anos, saia e suspensórios de seda vermelho-tomate e blusinha de seda branca com "pois" vermelhos.

Vestidinho de seda leve, de saia enviezada e franzida, e corpo trabalhado em "casas de abelha".

Camisolinha de seda estampada, de fundo azul-claro, com pala e gola de organdi branco, bordado. Estreita fita de veludo de seda azul-marinho é enfiada no babadinho que contorna a pala.

Camisolinha de cambraia de linho estampada, com a pala e a barra de cambraia de linho unicolorido.

Modêlo da Semana Notas de Arte



NESTE vestido simples, em que combinam maravilhosamente as cores vermelha, azul e branca, a linda estrêla de cinema Diana Lynn apresenta, às Jovens colegiais, um belo modêlo para passeio.

Notas de Arte

CONCERTO SINFÔNICO. — Na tarde de sábado, 5 de dezembro, realizou-se no Teatro Municipal o 16º concerto de assinatura da Orquestra Sinfônica Brasileira, sob a grande regência de Eugen Szenkar, sendo solista a notável cantora polonesa Wanda Wermínska e executado este programa: I) BEETHOVEN — 3ª Sinfonia (Heróica): *Allegro con brio, marcha fúnebre, scherzo, allegro molto-finale*; II) BEETHOVEN — *Recitativo e aria de Leonor*, da op. "Fidêllo", 1º ato; WAGNER — *Morte de Isolda*, da op. "Tristão e Isolda", 3º ato, e *Aria de Elizabeth* da op. "Tannhauser", 2º ato; PAUL DUKAS — *O Aprendiz de feiticeiro*; NEPOMUCENO — *Serenata*; LISZT — 2ª *Rapsodia*.

Inspirado numa ilusão, numa grande ilusão, a de que Bonaparte, 1º Consul, era um campeão da liberdade e não o que era de fato, um "filho desnaturado da Revolução", um traidor dos ideais, de 89 e 93, Beethoven escreveu, em 1804, a 3ª Sinfonia intitulada *Bonaparte*; mas, reconhecendo pouco depois o seu erro — quando o bandido corso se fez imperador dos franceses — o mestre de Bonn riscou-lhe o nome, e o poema passou a ser a glorificação de um herói, um herói que ele imaginára na sua fantasia de poeta do som e que não era, nem podia ser, o Atila daqueles dias.

A grande obra de Beethoven deve ser ouvida abstraíndo-se da nefasta ilusão que a inspirou. Ouvimo-la como a idealização musical da vida e da morte de um grande homem, de um herói da Humanidade. O 1º movimento pinta-lhe a vida, o 2º celebra-lhe a morte, o 3º e o 4º são festas postumas em homenagem ao morto imortal.

A incomparável regência de Szenkar pareceu-nos integralmente o sentido dessa interpretação. Tudo foram primores, mas a todos superou o que, sendo a mais bela parte da Sinfonia, foi também a que se nos afigurou mais belamente executada — a *Marcha fúnebre*. Lembrámo-nos a propósito das palavras de Berlioz: "*Conheço em música poucos exemplos de um estilo onde a dôr tenha sabido conservar constantemente fórmulas tão puras e ao mesmo tempo com tanta nobreza de expressão. A Marcha Fúnebre é um drama completo.*"

Belezas diversas mas todas belezas perfectas, as regências das peças de Paul Dukas, Nepomuceno e Liszt. Se a O. S. B. já estivesse no mesmo altiplano do seu genial regente, teriam sido execuções de valor inextinguível. Mas ainda assim os instrumentistas refletiram em alto grão a sabedoria e a estesia da excepcional regência. Vimos os quadros vivos e altamente

(Continua na pág. seguinte)

**CASPA!
CABELOS
BRANCOS!**

use
LOÇÃO XAMBÚ

**CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA CÔR NATURAL
ELIMINA A CASPA EXITO GARANTIDO**

Informações e pedidos: R. Souza Dantas, 23 — Rio.



Rápido Alívio
das
VEIAS VARICOSAS
As
MEIAS ELÁSTICAS
BAUER & BLACK
suportam completamente

Até que enfim pode-se obter alívio das veias varicosas sem sacrificar a aparência—as vossas pernas tornam a ser lindas usando as Meias Elásticas Bauer & Black—debaixo das outras meias ou à vista. São leves—frescas—confortáveis—no entanto, suportam completamente as veias dilatadas e deturpadas, que frequentemente voltam ao tamanho natural.

Em todo o comprimento ou até ao joelho—lavam-se facilmente—são de longa duração. De vários feitios para senhoras e cavalheiros, em todos os bons estabelecimentos ortopédicos.

É um prazer o uso destas meias invisíveis

Meias Elásticas
BAUER & BLACK

PARA OS OCULOS, O LENÇO,
para os Olhos, LAVOLHO



Olhos congestionados ou fatigados por esforço contínuo necessitam de Lavolho. Bastam umas gotas para confortá-los, restituindo-lhes o bem-estar.

LAVOLHO
CLAREIA OS OLHOS

comunicativos do *Aprendiz feiticeiro*; sentimo-nos docemente embalados pelo inebriante lirismo da *Serenata* de Nepomuceno e arrebatados pelas sonoridades empolgantes da 2ª *Rapsódia* de Liszt.

O que, porém, mais avultou no grande vespéral, foi o canto de Wanda Wermínska. Achamo-la de uma grandeza que antes não havíamos percebido, ao ouvirmo-la, o ano passado, na figura de *Eva* dos MESTRES CANTORES, e no festival em homenagem á memoria de Parerewski. A sua voz appareceu-nos de grande extensão e volume, quase sempre quente e macha em todos os registros, taixiada de

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

pianíssimos de acentuada beleza. A tais predicados reunindo apreciavel sensibilidade comunicativa, a notavel cantora slava deu a belos e difíceis trechos das operas de Beethoven e Wagner, interpretação verdadeiramente incomum. E se foi grande na *Aria de Leonor*, *FIDELIO* e na *Morte de Isolda*, de TRISTÃO E ISOLDA cresceu ainda mais na *Aria de Elisbaeth* de TANNHAUSER. A sua voz dominou soberanamente a orquestra e em-

polgou o auditorio. Numerosos, incessantes e justíssimos aplausos coroaram-lhe o triunfo, ao qual não faltaram flores e as palmas espontaneas e entusiasticas do grande regente. Afigurou-se-nos que a cantora poloneza atingiu a mesma altura do regente hungaro Wanda Wermínska pairou então no mesmo plano de Eugen Szenkar. E a cantora e o regente se compreenderam e reciprocamente se entusiasmaram. O regente cobriu de palmas a cantora, e a cantora saudou o regente com flores. Belfissimo espetáculo o da vitória simultanea dos dois grandes artistas.

OSCAR D'ALVA

P.S.—Como num artiguete ineditorial publicado no *Diário de Notícias* de 6 de dezembro, se tenha citado a sugestão que fizemos á festejada cantora patricia que o assina, para cantar simultaneamente as operas *Norma* e *Carmen*, e essa citação, como foi feita, só exprima parte e não toda a verdade, reproduzimos abaixo, para esclarecimento do Público, e só do Público, a passagem da nossa *Nota* donde foi extraída a citação e se encontra á pág. 22 do "Fon-Fon", n. 52, de 25 de dezembro de 1937:

"Se nos não enganamos, a voz de Violeta é de soprano absoluto; parece-nos que a grande patricia é capaz de cantar como contralto, meio soprano, soprano lírico e soprano dramático. Dessa multiplicidade vocal tivemos provas ouvindo-a cantar sem esforço uma após outra, a *preghiera* de *Norma* — *Casta Diva* e a *aria* de *Adalgisa* — *Mira ó Norma a tuoi ginocchi*. Se o exame das suas cordas vocais revelar possuírem estas constituição anatómica de acôrdo com as propriedades fisiológicas patenteadas na execução simultanea dos dois trechos da *Norma*, é o caso de se nos apresentar a invulgar cantatriz na próxima temporada de 1938, cantando operas que exigem três generos diferentes de vozes: a *Traviata*, *Norma* e *Carmen*. Violeta repetirá o milagre de Marietta Alboni. E, sem ir tão longe no tempo, o milagre de Claudia Muzio, que cantava a *Traviata*, a *Norma* e... la cantar a *Carmen*...

"Oxalá a nossa sugestão se possa transformar na mais feliz e mais bela das realidades para a gloria de Violeta e do Brasil."

O. d'A.

SUPER CERA
GOSCH Usando-a uma vez por mês torá o seu olho sempre brilhante.

O NATAL DE "A FORMIGA"

"A FORMIGA", atendendo ao espírito essencialmente cristão do povo brasileiro, tão cioso de suas tradições, não poderia deixar passar, como não deixará, sem uma solenidade toda sua, que diga alguma coisa à alma da juventude, o dia de Natal de 1942.

Assim é que, em reunião realizada entre os senhores diretores dos colégios onde existem os «Formigueiros», e com o apoio de S. Excia., o Sr. Ministro da Educação, ficou resolvido e traçado o seguinte programa:

1) — No dia 24 de dezembro, às 9 horas da manhã, mandará celebrar uma missa campal na Praia do Russel, com o comparecimento de todos os «Formigueiros», e para a qual ficam, desde já, convidados todos os colégios e escolas do Distrito Federal e de Niterói, que poderão mandar sua adesão para o Formigueiro Central, à Av. Graça Aranha, 416 — s/802.

2) — Cada «Formiga» levará sua prece escrita em envelope fechado, que ali será, antes da missa, recolhida por virgens e depositadas em lugar adrede preparado.

3) — Ai, ainda quente do fervor e desejos de cada um, receberão elas, depois da missa, as bênçãos do sr. bispo celebrante.

4) — Também os adultos poderão e deverão mandar suas súplicas escritas, não só pelo bom exemplo que darão à juventude, mas, também, e principalmente, porque cada um tem as suas necessidades e a fé é o único lenitivo capaz de amenizar as aflições do coração humano.

5) — Essas preces, depois de receber as bênçãos da Igreja, serão incineradas, e, em nuvens de fumaça, subirão aos céus para que, na noite desse mesmo dia, caiam as graças divinas satisfazendo as súplicas de cada um.

Uma comissão, composta do diretor de cada colégio e do presidente de cada «Formigueiro», irá convidar o sr. Presidente da República e a Exma. Sra. Darcy Vargas para assistirem a essas cerimônias, sendo que nessa mesma ocasião lhes será prestada expressiva homenagem.

O Brasil é feliz, forte, unido, e, por isso mesmo, respeitado porque o seu povo é cristão por índole e por educação.

Cumpra cada «Formiga» o seu dever.

A CONQUISTA DO MAR

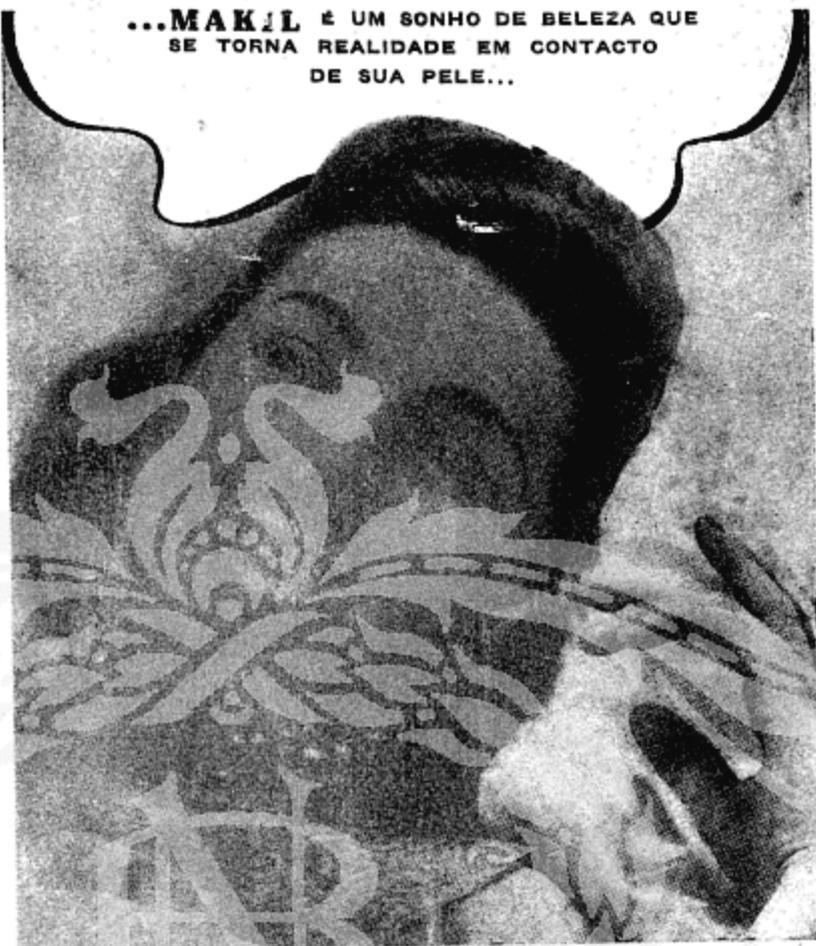
F. Acquarone Pan Americana S. A. (Fundação Lindolfo Collor) EPAS — Rio.

DE todas as conquistas humanas, para o conhecimento do globo terrestre, no qual o homem mora, o navio é, certamente, uma das mais admiráveis.

São incalculáveis e múltiplas as consequências dessa notável descoberta que facilitou, não só a evolução da ciência universal, mas também estabeleceu comunicações entre os vários grupos humanos.

E' a história dessa evolução que EPASA oferece à Juventude Brasileira, em linguagem amena, ac-

...MAKIL É UM SONHO DE BELEZA QUE SE TORNA REALIDADE EM CONTACTO DE SUA PELE...



MAKIL, a última palavra da cosmética francesa, dará à sua cutis o frescor da mocidade...

Aplicando diariamente, durante 5 minutos, MAKIL, sua cutis ficará suave e lisa como pétala de rosa. Um dos grandes segredos de MAKIL consiste no desenvolvimento de oxigênio ativo, em contacto com a cutis.

MAKIL não é água de beleza, nem porcelana para o rosto. Em vez de encobrir os defeitos da cutis, MAKIL elimina-os completamente.

MAKIL evita o afrouxamento da cutis, faz desaparecer as rugas, anima e favorece a circulação do sangue.

À venda nas PERFUMARIAS CARNEIRO, CASA BAZIN, PERFUMARIAS LOPES, CASA CIRIO, A GARRAFA GRANDE, CASA SLOPER, PARC ROYAL, DROGARIA SILVA ARAUJO, CASA TURUNA, e, em Niterói, na PERFUMARIA CENTRAL.

Distribuidor: A. Barroso de Mello. Caixa Postal 1765. Rio. Telefone 42 - 15 - 87.

cessível. E' a narração dessa evolução, desde a aurora do mundo, quando o nosso avô pre-histórico cavalgava os troncos flutuantes até a magnificência da época atual, cujos transatlânticos rasgam os oceanos, como palácios encantados. Sem o auxílio da navegação, estaríamos, até hoje, completamente desconhecidos dos povos que habitam regiões distantes, separados por longas extensões de águas.

Foi viajando que a civilização se transportou dos países mais ad-

antados para os mais selvagens. A prova disso é que as populações que habitam os litorais contam com uma evolução bem mais acentuada do que as que residem no interior.

E' que os primeiros recebem diretamente a civilização de outros povos, que lhes chega trazida pela navegação.

E' essa história que a EPASA oferece à Juventude Brasileira, nas festas de Natal e Ano Bom, nas páginas de *A Conquista do Mar*.

Vida infantil

MODELOS INFANTÍIS



1. — Este modelinho, tão gracioso, foi projetado em tussor azul-celeste, mas pode ser confeccionado em uma lã muito leve para os dias menos cálidos. A blusinha é branca com notas pequenas, azues. Chapéu de palha.

2. — Uma fazenda de algodão estampada, dessas que caem muito bem, presta-se para este modelo de saia e graciosa gola «abot». Cinto de tom escuro.

3. — A fazenda é verde com pontos brancos. Um viés de fazenda branca contorna os punhos, o cinto, a gola e a frente. Os botões são brancos.

4. — Conjunto em brim rosado. A saia prende-se, como a jaqueta, com botões da mesma cor. A blusinha é de batiste branca bordado em cor-de-rosa.

NÃO cremos que seja imprescindível consultar os meninos relativamente à roupa a ser confeccionada para eles. Ninguém mais do que a mãe sabe o que convém a seus filhos e o que melhor senta a cada um. Mas é bom ir formando o gosto e a discreção da criança, fazendo-a participar da escolha dos modelos. Diante de um conjunto de figurinos pode notar-se a idéia predominante que assina um gosto. É nesse momento que devem fazer-se as observações precisas e indispensáveis encaminhadas no sentido de modificar, aprovar, exaltar ou contrariar a escolha.

Só a clareza e a comparação afirmada com explicações simples pode interessar à menina sem ferir-lhe nem humilhá-la. A combinação das cores, a seleção das fazendas, a adaptação dos adornos e a interpretação da hora para o vestido adequado são cousas que devem ensinar-se desde o momento em que já se note na criança a reflexão, por mais infantil que pareça. Dêsse modo a escola do bom gosto orienta a formação de um critério.

Convenhamos em que há mães que não têm a visão necessária para ser mestras de discreção. É difícil aceitar esse erro ou deficiência, mas é prudente ir sempre ao simples e menos enfeitado para suprir a firmeza de uma decisão irreprovável. Uma vendedora ou uma modista têm, muitas vezes, mais desenvolvido o bom senso que muitas de suas freguesas. Aceitar seus conselhos, quando estiverem em relação com a simplicidade, é um bom sinal de capacidade.

OBTIVERAM GRANDE ÊXITO
AS FESTIVIDADES DO "DIA
PANAMERICANO DA
PROPANDA

CONFIRME foi amplamente notificado obtiveram êxito sem precedentes as comemorações do "Dia Panamericano da Propaganda".

A cidade amanheceu cheia de cartazes de propaganda da propaganda com o expressivo "anuncie... e progredirá", enquanto circulava o esplêndido número dedicado ao dia da "publicidade". Vitrines dedicadas à data fizeram-se notar pelo comércio da metrópole.

As 12 horas no Palace Hotel houve o almoço de confraternização publicitária, tendo o comparecimento de cerca de 100 pessoas. Presidido pelo sr. Major Coelho dos Reis, o almoço teve a palavra do sr. Alvarus de Oliveira presidente da Associação Brasileira de Propaganda e protetora das festividades que falou sobre o valor da propaganda especialmente na contingência em que nos encontramos. Falou a seguir o dr. Antenor Rangel Filho presidente da Associação Brasileira de Farmacêuticos que falou em nome do comércio e da indústria. Depois o sr. Alberto Byington Junior falou em nome do Rádio como presidente que é da Confederação Brasileira de Radiodifusão. O sr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, falou pela imprensa, tendo encerrado o sr. Major Coelho dos Reis, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda que se confessou encantado pelas solenidades e pela perfeita sintonia existente entre todos os homens da propaganda do Brasil.

As 15 horas os publicitários, incorporados, visitaram o sr. Presidente da República, no Catete, sendo recebidos pelo sr. Geraldo Mascarenhas. Falou pelos publicitários o sr. Walter Ramos Poyares, secretário da Associação Brasileira de Propaganda, entregando o sr. Alvarus de Oliveira uma coleção completa da revista "Publicidade".

As estações de rádio organizaram programas dedicados à data, tendo a Rádio Clube do Brasil transmitido uma entrevista com o sr. Alvarus de Oliveira.

Trocaram-se mensagens entre os Estados Unidos (Advertising Federation of America) a Argentina (Asociacion Jefes de Propaganda) e o Brasil.

Participaram da festa representantes de diversas classes, destacando-se além dos já citados o sr. Timoteo da Costa, presidente do Sindicato de Jornalistas Profissionais, dr. Paulo Celso da Legião



A CIA. DE CIGARROS CASTELLÔLS apresenta esta marca
em EMBALAGEM FESTIVA de 200 cigarros, própria para
PRESENTES de FESTAS DE NATAL e ANO BOM

Brasileira de Assistência, sr. Alvaro Brandão representando o dr. Oséas Mota do Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas, sr. E. G. Stone chefe da seção de imprensa do Governo Britânico e o sr. Richard Hippelenser adido da imprensa do Governo Americano.

A A.B.P. recebeu cartas das Embaixadas Americanas, Chilena Argentina e da Legação de Cuba. Telegramas da Associação Paulista de Propaganda, do dr. João Daudt do Oliveira, recém-eleito presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, do sr. F. C. Scoville, de *Brasilidade*.

diretor da Light, e do sr. Eugênio Leuenroth da McCann-Erickson, etc.

Encerraram-se as festividades com um jantar dansante no Casino da Urca, decorrendo num ambiente de sadia camaradagem e a ele comparecendo cerca de 60 pessoas.

BRASILIDADE é o culto da coragem e da energia em defender o Brasil e o seu patrimônio material e espiritual. (*Segundo Congresso*



CASA MASSON
A CASA DOS BONS RELOGIOS

RIO DE JANEIRO
Ouvidor, 91 — Tel. 43-2112

PORTO ALEGRE
Andradas, 1459 — Av. O. Aranha, 1378
Av. Eduardo, 1237 — Av. O. Rocha, 134

NO SERTÃO PITORESCO

*Alva. O sol raia as quebradas,
Doira o capim, o sapé.
Vai matizando as copadas,
colorindo o igarapé.*

*E na inocente alegria
das aves que vêm e vão,
canto coral se irradia
pelas brenhas do sertão.*

*Meio dia. O bosque ampara
na sombra a quem o procura.
Dorme o gado. Toda a serra
é oiro que ao sol fulgura.*

*Ocaso. Serenidade.
Lindo é o poente que se vê.
Evoca-se uma saudade...
E não se sabe de quê!*

*Noite. Trevas. Vagalumes.
Há silvos. Sapos cantando.
Pios. Mugidos. Queixumes.
Silêncio, de quando em quando.*

*E a deshoras, o clarão
de um empolgante luar
deixa em sonho o coração
e o espírito a meditar.*

HORMINO LYRA

CINEMATOGRAFICAS

Ruth Warrick, aquela figura distinta que apareceu como a primeira Mrs. Kane no primeiro filme de Orson Welles, recebeu, como prêmio de sua excelente atuação naquele filme, um novo e longo contrato da RKO Radio. Miss Ruth Warrick já fez seu segundo filme «Senhorita Amabilidade» e também o terceiro, este também produção de Orson Welles, intitulado «Jornada de Pavor» (Journey into fear), em que figuram igualmente, Dolores Del Rio e Joseph Cotten.



UMA FESTA DE ARTE

O Colégio Fontainha promoveu sábado último, 13 do corrente, uma brilhante festa de arte, no Teatro Municipal, em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, colaborando assim, patrioticamente, no esforço de guerra que a Pátria exige de todos os seus filhos.

Essa festa, que resultou num acontecimento artístico de grande repercussão mundana, consistiu em representação, pelo Grêmio Literário Machado de Assis, filiado àquela conceituado educandário, da peça de Maeterlinck "O Pássaro Azul", numa feliz tradução e adaptação da professora Maria José Fontainha.

A gravura focaliza uma sugestiva cena da peça que os alunos do Colégio Fontainha representaram no Municipal.

NOVAS HISTÓRIAS DE FANTASIA E ENCANTAMENTO

Editora Pan Americana S. A.,
(Fundação Lindolfo Colôr)
EPASA — Rio.

DEZEMBRO é o mês dos presentes sem fim. Presentes aos alunos primários que terminaram o curso, como um incentivo a que prossigam na senda do Ideal: aos ginasianos, aos preparatorianos, a todas as crianças, enfim.

Nenhum presente melhor que um bom livro. Um livro é um companheiro leal e constante nos momentos mais difíceis da vida a aconselhar-nos, a guiar-nos.

É por isso que APASA oferece à infância brasileira, no Natal e Ano Bom, livros encantadores. Cinco livros de história completamente novos, cujo fundo, altamente moral e instrutivo, é um permanente atrativo. Essa coletânea, sob o título geral de *Novas histórias de fantasia e Encantamento*, encerra os seguintes e admiráveis contos: *A Inocente Mensageira Dos Apeninos aos Andes*, *Aventuras de Celedim* e outros.

História de bondade, dedicação e de viagens maravilhosas.

Para a juventude EPASA editou duas obras moldadas em assuntos educativos de História e Pesquisa, em linguagem amena, em que se biliam à crônica instrutiva os fatos reais dos descobrimentos, das lutas e dos sacrifícios dos pioneiros da civilização.

A Conquista do Mar, de F. Acquarone e *Cristovão Colombo, o Aventureiro dos Mares* são os dois magníficos volumes desta coleção.

"COPACABANA"

MARIO DOMINGUES e Mario Magalhães — brilhante parceria que nos tempos áureos do antigo Trianon, casa de espetáculos da elite carioca, tanto êxito alcançou — voltam agora à atividade teatral. Depois de terem conquistado o prêmio Agamemnon Magalhães com a peça "O Rei dos Tecidos", no Concurso de Romance e Teatro do Ministério do Trabalho, têm em ensaios, no Teatro Serenador, a linda comédia "Copacabana", de título tão sugestivo. Essa peça subirá à cena sexta-feira, 18 do corrente, interpretada pela grata perturbadora de Eva Tudor, hoje uma das comediantes brasileiras de mais talento, e pelos artistas que com ela formam magnífico elenco. O clichê representa os autores quando trabalhavam na sua peça.

19 - 12 - 1942



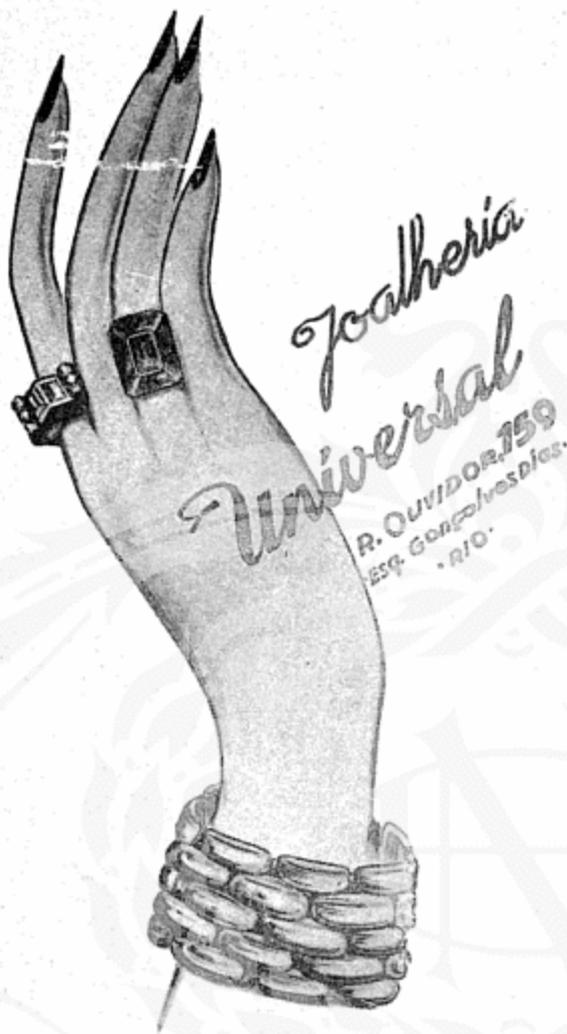
CUIDADO COM A PREGUIÇA INTESTINAL

A preguiça intestinal sobrecarrega o organismo com as toxinas resultantes do acúmulo de alimentos incompletamente digeridos. Daí, malestar, tonteadas, dor de cabeça, irritabilidade, que perturbam o ritmo vital. Reeduque o intestino com o uso de ENTEROBIL, produto científico que regulariza o intestino, sem irritar e sem habituar.

Enterobil

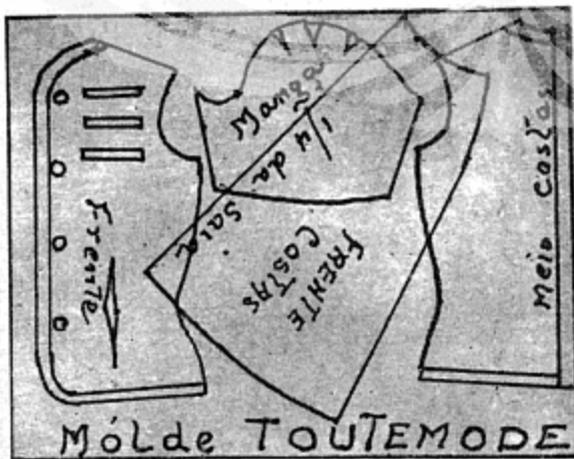
UM PRODUTO *RAUL LEITE*





JOSEFINA ELENA ROGERIO DE FRANÇA, formoso ornamento da nossa sociedade e artista de brilhante sensibilidade, foi calorosamente aplaudida pelo numeroso publico que, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, assistiu, na tarde de dezoito do corrente, ao festival artistico em prol da Campanha Nacional de Aviação. Essa festa, organizada por Josefina Elena, contou com a participação de elementos de destaque nos nossos meios sociais e estudantis, onde a figurinha insinuante de Josefina Elena desfruta das maiores simpatias, quer por seus dotes de coração e caracter, quer por ser ela própria uma estudante aplicadíssima, tendo terminado brilhantemente, este ano, o curso de humanidades.

NOSSA CAPA



ORIGINAL costume apropriado para o verão carioca, sendo executado em "Granité de seda". Avivado em toda a volta do casaco e com aplicações imitando bolso. Saia lisa. Moldes no suplemento anexo.

A guerra é uma realidade brasileira. Contribua para a **VITÓRIA DO BRASIL**, combatendo os inimigos de nossa terra que nos querem dividir para nos enfraquecer. (Segundo Congresso da Brasilidade)

DE HOLLYWOOD

VERA ZORINA está, agora, diante das cameras cinematográficas para a filmagem do seu magistral «ballet», que será o ponto culminante da nova produção da Paramount, «Star Spangled Rhythms», o filme que conta, no seu cast, com setenta celebridades de Hollywood.

A encantadora «estrela» dançará ao som da mais nova e sensacional canção de Jonny Mercer-Harold Arlen, «Black Magie», e que é cantada por Johnnie Johnston, o novo «crooners» da Paramount.

Depois do seu grande sucesso em «Duas Semanas de Prazer», ao lado de Bing Crosby e Fred Astaire, Marjorie Reynolds acaba de renovar o seu contrato com a Paramount, tendo sido já escolhida para figurar em «Dixie» — uma nova e deliciosa comédia musical da Marca das Estrelas, cujos principais papéis estão a cargo de Dorothy Lamour e Bing Crosby.

Diretamente
de
MESBLA

para o saco
de Papai Noel

BRINQUEDOS
PRESENTES ÚTEIS
ARTIGOS DOMÉSTICOS

visitem
nossa tradicional
EXPOSIÇÃO de NATAL

Mesbla
RUA DO PASSEIO 48-56

FON - FON

UMA FESTA DA INTELIGENCIA NO CASINO ATLANTICO

NUM ambiente da mais alta e expressiva cordialidade realizou-se, no «green-room» do Casino Atlântico, sob a festa sugestiva de uma noite esplendente, o jantar em que o dr. Djalma Cavalcanti, nosso brilhante colega de imprensa e diretor do Departamento de Educação Técnico Profissional da Prefeitura do Distrito Federal, reuniu alguns amigos, intelectuais e colegas, seus colaboradores, para comemorar o quarto aniversário de sua revista «Formação», de tanto prestígio nos círculos educacionais do Brasil.

Entre as figuras representativas da Inteligência e da cultura nacionais, que compareceram a essa festa do espírito, sobressaíram o coronel Jonas Correia, Secretário Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal; a senhora Valmirina Correia, poetisa de alta inspiração e de fina sensibilidade; o dr. Theobaldo Miranda Santos, diretor do Departamento de Educação Primária; o coronel Moacyr Toscano, professor do Colégio Militar e diretor do Departamento de Educação Nacionalista; a ilustre educadora d. Benevenuta Carneiro Monteiro, diretora do Externato de Educação Técnico Profissional «Rivadavia Correia»; o dr. Pedro Pernambuco Filho, diretor do Serviço de Pesquisas Educacionais; a senhora Moacyr Toscano; a professora Juracy Silveira, chefe de Distrito Educacional; o professor Martins Capistrano, diretor-secretário de FON-FON e di-



retor do Externato de Educação Técnico Profissional «Santa Cruz»; a senhora Léa Martins

Capistrano, a senhora Déa Veloso, o dr. Oneti de Figueiredo e senhora, o professor Jacir Maia, técnico de Educação, que aparecem nos diversos flagrantes fotográficos desta página.



Natal

FESTA DAS CRIANÇAS

Torne ainda mais encantador o Natal de seus filhinhos, adquirindo para eles as encantadoras criações da "Seção de Crianças" da NOTRE DAME



Verdadeiros mimos de beleza e graça que fazem realçar a graça e a beleza das crianças.

ROUPINHAS PARA MENINOS
VESTIDINHOS PARA MENINAS
ENXOVAIS COMPLETOS
PARA BEBÊS

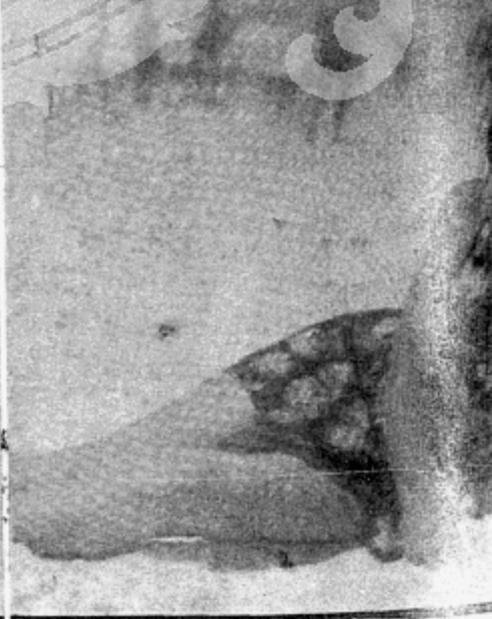
que fazem da "Seção de Crianças" da NOTRE DAME a mais completa e atraente do Rio.



VISITEM A

NOTRE DAME de PARIS

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO - OUVIDOR, 182



Comacaba

A guerra não consegue amortecer o entusiasmo da juventude feminina de Copacabana, que continua a sorrir na areia da praia, no caminho do «footing» ou no asfalto das ruas, de «maillot», de «short» ou de vestido de passeio... Continua a sorrir para que a vida não envelheça, e corra mansa, generosa e feliz como o destino da mulher bonita...

Estes flagrantes alegres, primaveris, harmoniosos, fixam momentos rutilantes de Copacabana, à hora em que a mocidade feminina do bairro se movimenta, alegremente, para enganar a praia e enfeitar as ruas...



G-JOCKEY CLUBE MUNDANO



MAIS uma vez, como vem acontecendo os sábados e domingos, o Hipódromo da Gávea esteve repleto no fim desta última semana.

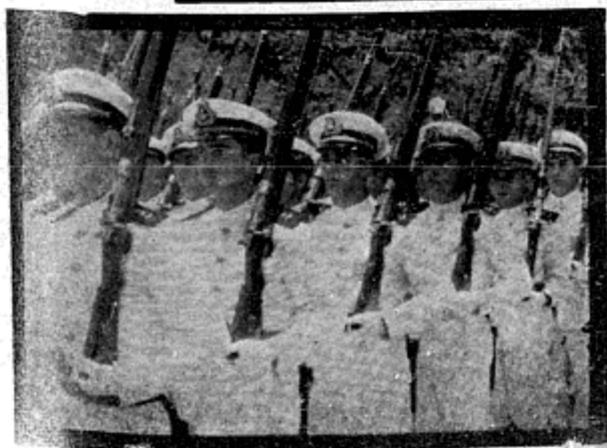
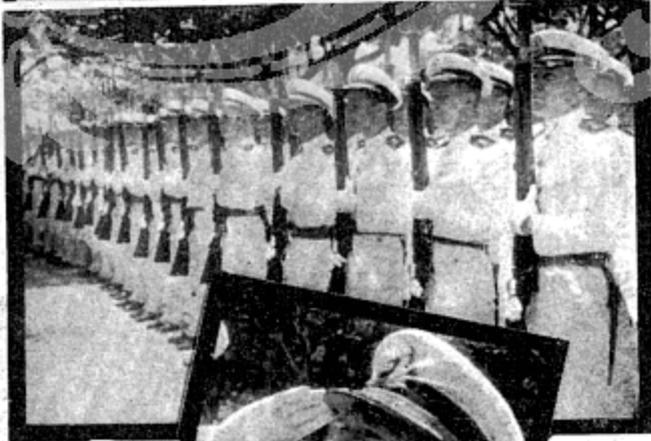
As fotografias que ornaram esta página, falam eloquentemente dessas maravilhosas tardes de mundanismo e esporte.



O DIA DO MARINHEIRO



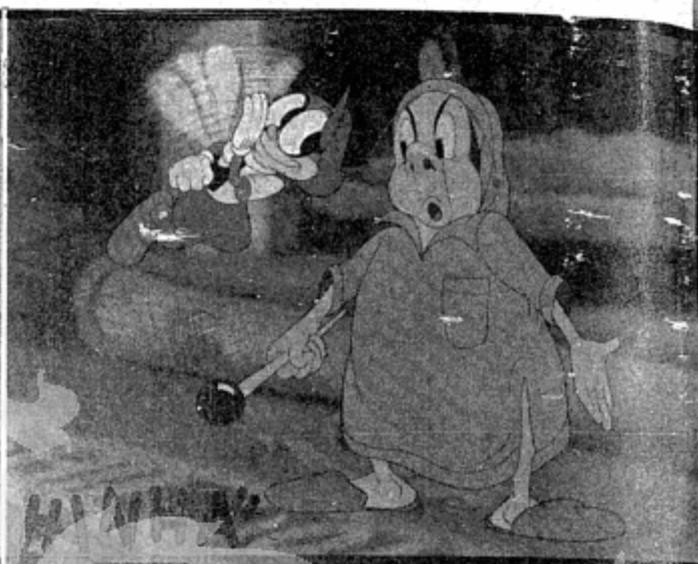
JUNTO ao monumento do Almirante Tamandaré — símbolo eterno e imperecível da Marinha Nacional — foram tomados, a dez do corrente, quando a Marinha comemorou o dia consagrado ao marinheiro nacional, os flagrantes que ilustram esta página de FON-FON. As solenidades tiveram início com a chegada do chefe do Governo, Presidente Getúlio Vargas, que se fazia acompanhar dos Ministros da Guerra e da Marinha, General Eurico Gaspar Dutra e Almirante Aristides Guilhem, do General Firmo Freire e de todo o seu Gabinete Militar.





NO MUNDO

Da desgraça de seus companheiros parecem alegrar-se Mosquitão e Pernilongo, dois tipos capazes das maiores baixezas.



E' que o sinistro B. Zouro tinha os seus pecadores olhos voltados para a encantadora Mary Mel.



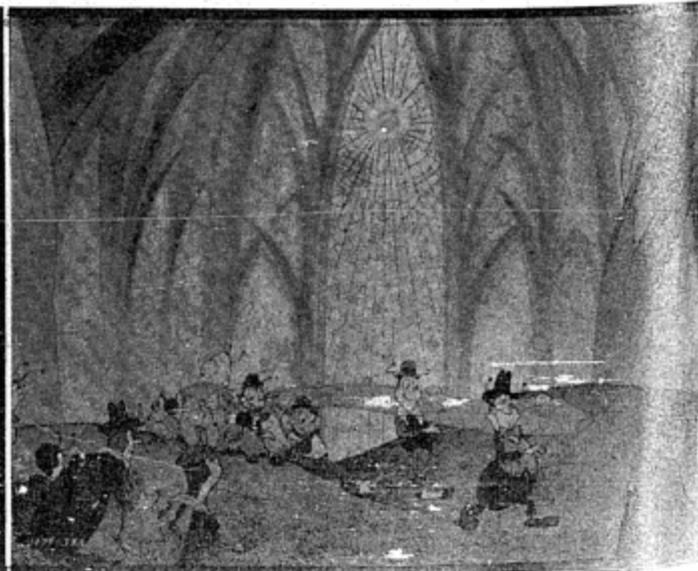
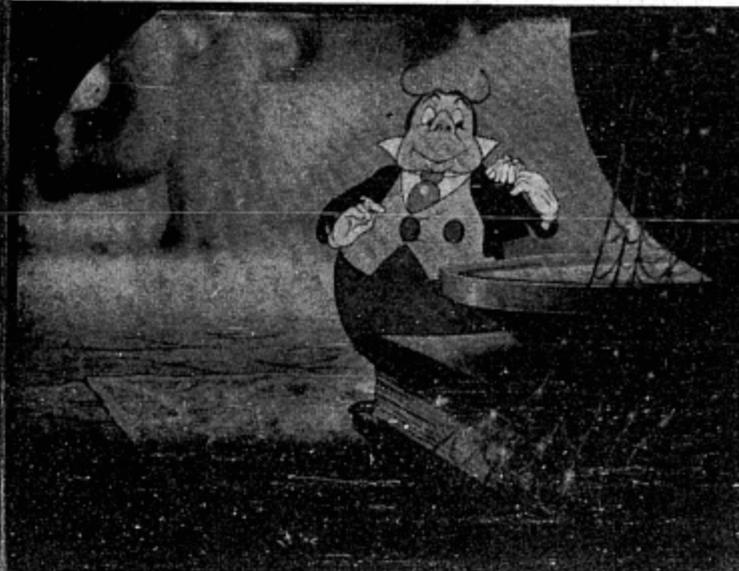
O pobre coltado, sob o efeito da corrente elétrica, contorce-se desesperadamente, como se estivesse dançando o mais movimentado dos «swings»...

O astucioso B. Zouro, finalmente livre do seu importuno rival, crê chegado o momento oportuno para insistir na realização do seu matrimônio.



De regresso ás Terras Baixas, Mary Mel e Gafa Nhoto trocam juras de amor...

São então iniciados os preparativos para a espetacular boda, uma boda como nunca se viu naquelas paragens.





Nhotinho só pensa em Mary Mel, a garota a quem ele realmente ama e em cuja presença enrubece com facilidade...



Sejamos coerentes, sr. Maribondo. Isto não é local onde se viva.



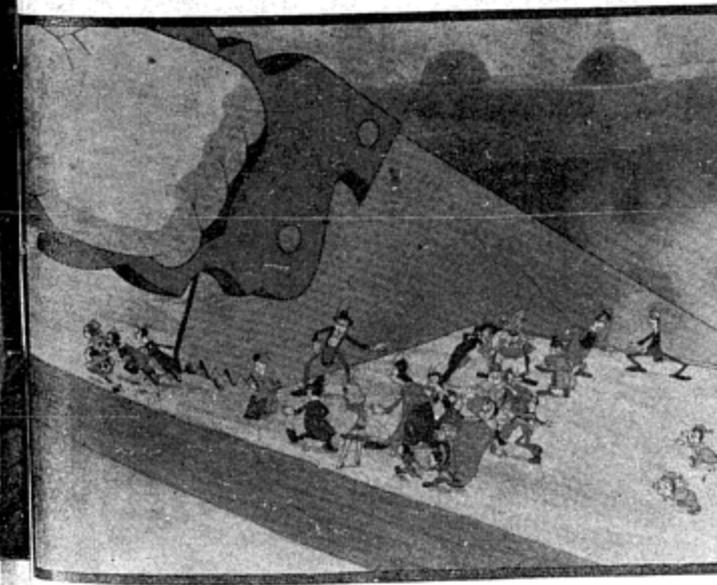
Em vista do que tem sucedido, não acha o Senhor que a melhor coisa que tem a fazer é aconselhar sua filha a aceitar minha proposta de casamento?

Os bichinhos realizam a penosa ascensão, centímetro por centímetro, arriscando-se a toda sorte de perigos e vencendo mil e um obstáculos.



Nhotinho surgiu com a boa nova de que os seres humanos, donos da velha casa onde estão localizadas as Terras Baixas, se acham em vésperas de receber grande quantia.

Nhotinho toma nos braços a encantadora Mary Mel, selando com um beijo o compromisso de um próximo matrimônio... (Texto na página 60).





Janet Blair

A mulher nem sempre conquista com o rosto bonito que tem. Às vezes, as pernas é que vencem... Sobretudo em arte... cinematográfica... E' o caso, talvez, desta linda garôta — Janet Blair — que tem um lindo «palminho de cara», mas cujas pernas, evidentemente notáveis, foram o cartão de visita com que ela penetrou nos domínios do cinema.

19 - 12 - 1942

FON - FON

50 - 51





Novas Enfermeiras Socorristas



CONSTITUIR uma brilhante solenidade a do encerramento do estágio das novas enfermeiras socorristas do Posto 14 da Cruz Vermelha Brasileira, que funciona na Associação Brasileira de Educação.

Realizou-se a solenidade no Hospital Gaffrée-Guinle, sob a presidência da diretora dos cursos, d. Maria Isolina Pinheiro, que se vê na fotografia juntamente com os drs. Assis Ribeiro e Jorge da Silveira e as novas enfermeiras, senhoritas Lourdes Teófilo da Silva, Natalia Rego, Maria da Penha Lira, Heke de Souza Albo, Prisciliana de Almeida Araujo, Maria Violeta Wanderley Curio e Helena Esteves Ferreira, bem como a respectiva monitora, d. Claise da Luna Freire.

FON - FON

19 - 12 - 1942

- 54 -



Minha opinião

EXTRANHO COMO PAREÇA...

DE quando em quando, alguns rapazes petulantes resolvem fazer campanha contra Conan Doyle... No afan de destruir uma concorrência inexistente mas que esses três jovens pretendem tornar real, arremetem contra o colossálico Doyle, até hoje copiado, decalcado, corvejado, pastichado, camuflado e escomotado por descuidistas de todos os quilates... Dos mais comovidos recursos lançam mão desses inefáveis mancebos, para burlar a convicção de possíveis ouvintes oscilantes... Nem se arreciam do juízo honesto da parte alfabetizada do Brasil, que tem capacidade crítica suficiente para criticar os criticoides... E sonham, ainda, no seu delicioso cassaque, arrasar o gênio policial da Grã-Bretanha... Oh! esses três jovens lunáticos! Se, ao menos, merecessem resposta... Ou a risadinha do Renato de Alencar... Non solum quid faciunt.

HELOISA LENTZ DE ALMEIDA

TENHO uma notícia excelente para os antigos fãs das "Aventuras de Sherlock Holmes", que as acompanhavam desde os tempos do lançamento do policial no "Programa Case", graças à persistência deste apaixonado cronista. É a seguinte: Heloisa Lentz de Almeida, a primeira criatura que adaptou enredos policiais no Rádio carioca, está de volta ao seu velho posto... A distinta escritora, cuja vida é um poema de modéstia, no

recolhimento do lar — (Heloisa Lentz é a companheira desvelada do poeta Pádua de Almeida) — retornará ao clima sedutor da casa 221-B de Baker Street... Com o seu estilo personálico, de escritora que não se improvisou, há-de oferecer, por força, novas e requintadas emoções aos leitores das legítimas narrativas policiais de Mister Watson.

E provará, mais uma vez, a verdade contida neste conceito definitivo de Álvaro Moreyra: "Os episódios da célebre obra de Conan Doyle são de um interesse eterno." Apesar dos pesares...

"INFORMAÇÕES, FAÇA O FAVOR"

A nova PRE-3 pôde orgulhar-se do novo cartaz que incluiu na sua programação principal: "Informações, faça o favor". Repositório de cultura geral, apresentado com louvável leveza, o similar brasileiro do famoso "Information, please", do "broadcasting" norte-americano, corresponde à expectativa geral. Com o tempo, é claro, ir-se-á aperfeiçoando essa obra admirável, orientada por Alfredo Tomé, Gomes Filho, D'Almeida Vitor, Martins Gomide e pelo rabiscador aqui presente. Prestigiado pela boa visão de Nelson Dantas, "Informações, faça o favor" tem a duração de meia-hora, e é posto em onda todas as quintas-feiras, às 21 e 30. Continue assim a nova PRE-3, já que pretende fazer Rádio de verdade.

A. Z.

"O grito do Ipiranga"

POR

SERGIO PEIXOTO

MUITA gente conhece Olavo de Barros, mas poucos sabem realmente o que vale o diretor do elenco radiatral da Tupi. Fôra das funções que exerce na radiofonia carioca, como adaptador de peças para o microfone, radiador, ensaiador e diretor do Teatro Tupi, Olavo de Barros tem outras atividades e é de uma operosidade digna de registro. No teatro cênico já foi tudo na vida: ator, contra-regra, ensaiador, diretor de cena; escreve ainda revistas para o teatro musicado e, nas horas vagas, que devem ser raríssimas, entrega-se ao deleite de escrever sobre teatro, tendo publicado recentemente um repositório de anedotas, intitulado "MAMBEMBADAS", que obteve nos meios artísticos um autêntico sucesso. Olavo de Barros é também um dos nossos mais respeitáveis mestres da arte de representar num tablado: fundou e dirige o Teatro Infantil da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, uma das mais simpáticas realizações da cena brasileira. Mas o que faz do professor Olavo de Barros figura de escol no Rádio brasileiro é a glória de ter sido um dos precursores do rádio-teatro no Brasil. Sim, senhor! Foram ele e o Felício Mestrangelo que, há uns 18 ou 20 anos, quando o Rádio era apenas uma "rissonha esperança", tiveram a

idéia de organizar, para representar frente a um microfone, um elenco teatral. O que era o rádio-teatro naquela época, quando se ouviam transmissões com aparelhosinhos de galena "made in chez nous", o professor Olavo de Barros sabe contar coisas interessantes e curiosíssimas. Dariam para uma reportagem estupenda. Como, porém, o espaço aqui é limitado e o cronista não pode estender-se demasiado, vamos apenas relatar um caso, como subsídio para esta reportagem que algum colega inteligente poderá aproveitar com lucros razoáveis.

Contou-nos o autor de "MAMBEMBADAS" que, lá para o ano de 1924 ou 1925, fazia transmissões de rádio-teatro pelo microfone do Rádio Clube. O elenco era organizado com gente da ribalta, recrutada à porta do Café Criterium, uma hora antes da irradiação, reforçada pela "prata da casa": cantores, locutores, músicos, contínuos e até o homem do elevador... Naquela noite, estava sendo irradiada uma peça escrita especialmente para o Rádio, intitulada "O GRITO DO IPIRANGA". Era dia 7 de setembro. O autor dessa primitiva rádio-peça, sem o senso do tempo, quando o tempo no Rádio não tinha o valor que se lhe dá hoje em dia, estendeu-se demasiadamente em

minudências e o trabalho acabou sendo massudo e demoradíssimo. O espetáculo sonoro começou às 21 horas, e já passava da meia noite, sem sinal de terminar... À meia noite e trinta, D. Pedro I nem sequer falava em viajar para S. Paulo, onde seria dado o grito de "independência ou morte!". A peça tinha uns 6 ou 7 atos e os atos eram subdivididos em vários quadros. Nos entreatos havia um intervalo mais ou menos demorado, para descanso da companhia. Num desses intervalos, já quase à uma hora da madrugada, bateu o telefone e uma voz feminina pediu a presença, ao aparelho, do professor Olavo de Barros. Era uma ouvinte. Desejava do ilustre artista e "broadcaster" um favor.

— Pois, não, minha senhora? — respondeu o Olavo, pondo elegantemente o seu indefectível monóculo.

— Trata-se do seguinte — explicou a voz do outro lado do fio — estamos ouvindo a peça e gostando muito, mas já é tarde demais. Estamos com muito sono e vamos nos deitar...

— E daí?

— Pedia ao senhor a gentileza de, quando faltarem uns 5 minutos para o grito do Ipiranga, telefonar para aqui, avisando... Pôde ser?

O Olavo bateu o fone no gancho e resolveu suspender a irradiação "sine die". E explicou depois:

— Para que continuar?... Aqueles eram os últimos ouvintes da noite!...

VAMOS FALAR DE LOURDES CARDOSO

De Armando Miguel

A música popular brasileira, tão injustamente relegada a plano inferior, devido à maneira absurda com que certos elementos conseguem impingir e gravar melodias medíocres, em que a falta de bom senso e os desvios gramaticais são evidentes, tem encontrado intérpretes de valor para as composições que merecem realmente ser ouvidas. Entre esses, está Lourdes Cardoso.

Nascida na terra do Senhor do Bonfim, a interessante cantora é dona de um estilo todo pessoal, fugindo completamente aos célebres rimos carbonos, que vivem por aí. Sua voz agrada, conseguindo prender a atenção do ouvinte, já saturado de tanta sambista "marca barbante" e enjoado dessas letrinhas inacreditáveis... Personalíssima na maneira de interpretar a melodia do morro, Lourdes Cardoso vem gradativamente alcançando os mais retumbantes sucessos, sem necessitar dessa publicidade exagerada com que certos mediocres conseguem passar como autênticos cartazes... Sua ascensão, no ambiente radiofônico, é devida ao seu próprio valor, o que representa uma verdadeira consagração: sabemos que, para muitas cantoras, a beleza tem sido motivo de exclusividade...

Integrando o "cast" da nova PRE-3, como artista exclusiva, Lourdes Cardoso é bem diferente da maioria de sambistas. Ela não tem aquela pose estudada de que algumas "estrelas" em decadência usam e abusam... Não procura

exagerar a interpretação de um samba nem faz mímicas ao microfone, conforme é praxe... Também não vive criticando seus colegas de estação, com aquele vírus terrível que tem contaminado muita gente bôa...

Sabendo separar o joio do trigo, Lourdes Cardoso possui um repertório selecionadíssimo, sendo difícil

ouvi-la numa composição medíocre. Não possuindo curso de Conservatório, interpreta exclusivamente a música popular brasileira. E compreende o valor que se deve dar ao que é nosso. Procura elevar a nossa verdadeira música popular. E por isso não admite em seu repertório os popularíssimos abacaxis...

GALHO DE URTIGA

Por ANTONIO CONSELHEIRO

PONTOS NOS "II"...

VOCES podem chamar-me de tudo: de velho caduco, de cabeça dura, e até dizer mesmo que não entendo nada de Rádio, como disse o meu amigo Renato Murce. Mas uma coisa, pelo amor de Deus, não quero que me julguem: de faccioso, de partidário. Não tenho predileções por quem quer que seja. Não passo a mão pela cabeça de ninguém.

No esporte, há seis anos venho escrevendo o "GALHO". Pois a minha linha tem sido sempre esta: absoluta imparcialidade, dar a Cesar o que for de Cesar. Tenho o meu clube favorito (quem o não tem?) e isto, no entanto, não me tolhe a opinião. Quando ele merece, queimo-lhe incenso... Mas, quando não anda na linha, páu na cabeça! E, com isso, tenho grangeado boas amizades, feito inúmeras relações que só honram este pobre velho reumático.

Assim sou no Rádio. Atuo na Mayrink Veiga. Mas não há de ser por isso que vá deixar de dizer algumas verdades, quando a emissora de Edmar Machado estiver necessitando de uns punções de orelha. E, como eu, alguns colegas rezam pela mesma cartilha. Tenho acompanhado as diversas secções de Rádio da nossa Imprensa. E saliento, pela sua sensatez de opinião, pela justiça de critério, as de MAG, no "Diário de Notícias" e de Sylecio Moreaux, no "Jornal do Brasil". Na campanha do bom Rádio, na defesa da bôa música e no ataque sem tréguas aos facções do éter, aqueles dois colegas queimam as pestanas. E, em paga — é sempre assim — adquirem inimizades gratuitas, porque poucos são os que gostam de que se lhes diga "as verdades"...

Há, no entanto, uma secção de Rádio, num vespertino, que foge à finalidade de uma secção de crítica. Em primeiro lugar, não tem responsabilidade, porque não é assinada: é anônima... E, em segundo lugar, aproveita-se de ter ligações com uma emissora, para desmoralizar as congêneres, principalmente a PRA-9, à qual não poupa ocasião para desancar, sem dó nem piedade. Outro dia, foi gozado: um "constante leitor", que é o Sr. Alves Nogueira como podia ser o Zé dos Anzões Carapuça, aconselhou à Mayrink Veiga para dar umas férias ao paulicante Antônio Conselheiro, que estava enjoando os ouvintes... Pois bem. Dois dias depois, a emissora à qual se acha ligada essa secção lançou um programa esportivo "humorístico", no estilo venenoso do "Galho de Urtiga"! Compreenderam?...

Ora, eu não sou nem quero ser humorista. Sou até sujeito sem graça, enjoado, páu, mesmo! Mas com o que eu não concordo é que, para lançar novos programas, se pretenda enzovalhar os que já existem. Assim, não! Não me venha de borzeguins, porque eu pra dizer duas verdades não custo! E posso deixar muita gente "en... tupi... gaitada"...



Manoel Barcelos, que forma entre os mais distintos locutores do "broadcasting" carioca, é um dos esteios da programação principal da grande PRG-3, Rádio Tupi do Rio de Janeiro

Passatempo «Microfone»

POEMETOS PUBLICADOS

- 1 — «DONA VIDA»...
- 2 — «IRONIA CÓSMICA».
- 3 — «OLHOS SECOS».
- 4 — «HISTÓRIA REAL».
- 5 — «GIGANTE DE PÉ».
- 6 — «COPACABANA».
- 7 — «DINHEIRO».
- 8 — «LEVIANA».
- 9 — «GUERRA».
- 10 — «CANÇÃO DO SÉCULO».
- 11 — «S. O. S.».
- 12 — «CULTURA».
- 13 — «CONFIDÊNCIA DE UM BOÊMIO».
- 14 — «O ESPANADOR».
- 15 — «DEUS».
- 16 — «ATLETA EM AGONIA».
- 17 — «SOLILÓQUIO DE UM SARCATA».

POETA...

*Eterno superior degenerado,
O poeta sofre, mudo, entre boçais.
E grita-lhe a ventura: "— Nunca mais!",
Como o corvo de Poe, no último brado.*

*Sim, nunca mais, ó grande torturado!
Em vão, a vida toda, criarás...
A humanidade estúpida é incapaz
De compreender tua alma, desgraçado!*

*Para os degenerados inferiores
São ridicularias tuas dores,
Tua imenso talento é muito pouco...
Foi assim... é assim... assim será...
Tua glória exclusiva nisto está:
Para os boçais o poeta é sempre um louco.*

ZARUR



QUATRO AZES E UM CORINGA

VEIO do Ceará, da possante PRE-9 de J. Dumar, essa rapaziada garbosa que hoje constitui, sem favor, uma das máximas atrações da Rádio Tupi. Teófilo de Barros andou acertado, ao lançar com toda a confiança o quinteto que recebeu o nome "Quatro Azes e um Coringa", ao microfone famoso da PRG-3.

Uma festa da RADIO IPANEMA



FOI uma reunião de grande requinte social o ágape que se realizou no Restaurante Aljan, por motivo do aniversário natalício de dr. Luiz Veiga atual presidente da Rádio Ipanema e figura de

grande destaque na sociedade carioca. Foi uma homenagem que intelectuais brasileiros prestaram ao dinâmico "broadcaster" Luiz Veiga, que tanto tem prestigiado a literatura através do microfone de

sua emissora. Entre os presentes, podemos notas as seguintes pessoas: cap. Amílcar Dutra, diretor da divisão de Rádio do DIP.; dr. Alceu Sá Freire, dr. Plácido de Melo, Tulio Gracindo, Francisco Rizzini, José Queiroz Junior, Clovis Ramalhete, Vitor Visconti, Alberto Pinheiro Queiroz, cel. Francisco Cavalcanti, Waldomiro Lima, Antonio Paraiso, Waldo de Abreu, Julio de Oliveira, Milonguilla e as exmas sras. Luiz Veiga, Maria da Gloria Veiga Strobel, Willy Strobel, Jendyra Veiga do Amaral e muitas outras figuras de projeção da nossa sociedade. A' noite, a Rádio Ipanema transmitiu um grande programa em homenagem ao seu presidente. Entre os oradoers, salientamos o interessante discurso de Queiroz Junior focalizando o ambiente do rádio brasileiro, o magistral improvisado de Tulio Gracindo e a brilhante saudação do sr. Clovis Ramalhete.



FON - FON
19 - 12 - 1942



Frêsa e Radiante

Estas qualidades são obtidas facilmente com Odorono Líquido, o método mais seguro para impedir a transpiração

Use Odorono Líquido cada semana e deixe-se de preocupar-se durante esse tempo com o problema da transpiração.

Odorono é uma fórmula médica e inteiramente inofensiva. Dois tipos: "Regular" o mais seguro, e "Instantâneo" (mais suave) para a pele sumamente delicada.



ODO-RO-NO



CONTRA CABELOS BRANCOS
E QUEDA DOS CABELOS

JUVENTUDE
ALEXANDRE

No Mundo da Carochinha

(Mr. Bug Goes to Town)

CAPÍTULO I

A pouco mais de um metro de distância da Broadway, em pleno coração de Nova-York, habita uma interessante e curiosa colônia de minúsculos insetos. São eles de várias espécies: abelhas, gafanhotos, baratas, besouros, moscas, aranhas, mosquitos e outros diminutos exemplares zoológicos não menos comuns, como lesmas, vagalumes, caracóis e mariposas.

Toda essa pequenina fauna vive num mundo governado à sua maneira. E muito embora existam também entre eles intrigas e rivalidades, só consideram verdadeiramente como inimigos os entes humanos, aos quais temem, aos quais não entendem e nos quais veem apenas uns monstros com a preocupação única de exterminá-los impiedosamente. Isto faz com que a existência desses infelizes bichinhos careça, às vezes, de sentido, pois com essa sistemática e implacável perseguição dos homens os insetos ficam sem saber qual dos seus semelhantes será a próxima vítima.

A velha mansão dos Dickens, a cuja sombra vive a pequena população de que tratamos, acha-se em tal decadência que, a não ser que sejam feitos urgentes reparos, ruirá por terra. A grade de ferro que circundava o jardim foi posta abaixo, e com frequência os transeuntes, invadindo o terreno, põem em perigo, com as suas pisadas, a vida daqueles pequeninos seres. Mas acontece que os proprietários da casa, Dick e Mary, se acham tão cheios de dívidas e sem recursos, que nem sequer podem pensar em fazer as obras, cada vez mais necessárias.

Certo dia, em que dona Carochinha, um dos insetos mais respeitáveis da comunidade, fazia sortimento domésticos no armazém do seu esposo, o sr. Maribondo, entrou agitadíssimo o prestativo Zumzum, que, num misto de revolta e indignação, informou a pobre senhora que a sua casa estava ardendo, em consequência de um fosforo aceso jogado por um monstro humano que resolvera fumar num local tão impróprio.

A-pesar-das urgentes providências tomadas, o incêndio se propagou rapidamente, destruindo por completo o lar de dona Carochinha.

Os demais insetos, ao tomar conhecimento da trágica notícia, res-

pensabilizaram pela catástrofe a grade da casa dos Dickens, que, estando por terra, permite o acesso de transeuntes ao recôndito local onde habita a laboriosa colônia. E o pior é que os infelizes, após acalorados debates, não encontraram uma solução prática para atalhar o mal.

Da desgraça de seus companheiros parecem alegrar-se, ocultos entre umas folhagens, o Mosquito e o Pernilongo, dois tipos capazes das maiores baixezas.

— Vamos correndo contar ao nosso chefe o que acaba de acontecer! — disse, sorrindo, Mosquitão.

E ambos, rapidamente, dirigiram-se à vivenda do sr. B. Zouro, situada estrategicamente na zona conhecida por Altiplano, aonde não chegam os odiados humanos.

Ao relatar, pressurosos, a tragédia provocada pelo incêndio nas Terras Baixas, Mosquitão e Pernilongo vislumbraram no rosto de seu chefe um sorriso de satisfação. E' que o sinistro sr. B. Zouro tinha os seus pecadores olhos voltados para a encantadora Mary Mel, filha do sr. Maribondo, com quem espera casar-se um dia, desde que surjam novas desgraças nas Terras Baixas, obrigando a família da moça a procurar um sítio mais abrigado onde possam residir sem sobressaltos diários, um sítio como o Altiplano, por exemplo...

Sem esperar pela terminação do relato, o sr. B. Zouro correu célere às Terras Baixas, afim de oferecer seus préstimos aos membros da família vitimada e apresentar os seus *nada* sinceros pêsames. Estando em palestra com dona Carochinha, o visitante, percebendo que a poucos passos dele se achava o sr. Maribondo, não resistiu à tentação de pronunciar em voz alta, com certa jactância, a seguinte frase:

— Felizmente uma tal desgraça não pode ocorrer onde vivo. Lá, no Altiplano, não há ser humano que se atreva a botar os pés!

Como o sr. Maribondo se aproximasse, concordando com a inviolabilidade do Altiplano, o famigerado B. Zouro ponderou, com voz melíflua, que todos estariam livres de tais infortúnios se Mary Mel aceitasse a sua proposta de

(Continua na pág. 62)

Conselhos das mães

Dr. Rinaldo de Lameare

(Doc. de Clin. Infantil da Fac. de Medicina e do Inst. de Puericultura da Universidade do Brasil)

A URTICARIA DA SEGUNDA-FEIRA

EXISTEM, na observação da clínica diária, certos fatos que, após a sua interpretação, serena e lógica, adquirem um aspecto de curiosidade. Referimo-nos, justamente, a um caso dessa natureza, no artigo que ora apresentamos sob o título de "urticaria da segunda-feira". Um dos casos de clínica que merecem maior atenção, pela sua desusada frequência, estando a reclamar, até agora, uma solução certa e prática, é, sem dúvida, o relativo à urticaria. Sabem-no, já, os próprios leigos, que ela está colocada no célebre capítulo da Alergia, sobre a qual a última palavra ainda não foi dada. Na infância, a alimentação é uma das causas mais frequentes e prováveis entre as muitas que provocam as manifestações cutâneas em questão. As formas em que ela se apresenta são várias, desde as clássicas placas pruriginosas (que coçam), até o célebre estrofilo, que é um pequeno nódulo endurecido que ultrapassa qualquer outra na sua propriedade de provocar intenso prurido. De um modo geral, para se diferenciar uma manifestação urticariforme de qualquer outra modalidade de erupção cutânea, pode-se tomar como base — o prurido, ou, melhor, na linguagem comum — a coceira. Muita vez veem-se mães nervosas aplicarem, erradamente, certos preparados antisepticos, julgando tratar-se de algum parasita — prática esta, condenável, porque só servirá para agravar a situação. Como já acentuamos, a alimentação é um fator decisivo para a erupção cutânea da urticaria. A esse respeito, manifestam-se detalhes que emprestam certa confusão em muitos casos. Assim um alimento que a criança vem suportando perfeitamente bem, repentinamente provoca-lhe uma crise urticariforme. De outras vezes, a combinação com outro alimento, ou determinadas épocas de crescimento, também dão lugar a essas manifestações. O período da dentição é muito importante em tais casos. Temos visto inúmeras crianças com crises rebeldes que resistem a toda medicação e que só melhoram, naturalmente, quando se dá a definitiva, completa, aparição do grupo de dentes.

Todas essas considerações ocorrem-nos, ao lembrarmos-nos da urticaria da segunda-feira. Essa é perfeitamente definida. Os pais saem com seus filhos, em visitas a parentes, ou a passelos em casas de diversões, dando-lhes outros alimentos a que os mesmos não estão habituados, seja na espécie, ou no tempero, etc. Os doces, estão, quasi todos compostos de substâncias notavelmente alergisantes, como o chocolate e o ovo, têm a preferência das crianças. Terminado o domingo, na segunda-feira a criança começará a coçar-se, e os pais sem saber por que ela tenha amanhecido com urticaria, vão ao telefone pedir ao médico da família um remédio para a inesperada e brusca manifestação de urticaria.

VIVA ALEGRE
E FELIZ...



PRISÃO do VENTRE?



COMO PODE UMA
MULHER CONQUISTAR
UM HOMEM E
UM HOMEM OBTER

o Respeito de outros Homens

Sem que um litro de suco biliar flua diariamente do fígado para os intestinos, os alimentos fermentam nos intestinos. Isto perturba todo o organismo. A língua se torna saburrosa, a pele amarelada... aparecem espinhas, os olhos ficam embaçados, sobrevêm mau hálito, boca amargosa, gases, vertigens e dores de cabeça. Tornamo-nos feios e desagradáveis e todos fogem de nós.

Uma simples evacuação da parte inferior dos intestinos não tocará a causa porque não elimina toda a comida em decomposição.

Só o fluxo natural do suco biliar é que evita a fermentação nos intestinos. As Pílulas Carter são o remédio de efeito suave, que faz fluir livremente o suco biliar. Contém os melhores extratos vegetais. Se quiser recuperar seu encanto pessoal, comece a tomar as Pílulas Carter de acordo com a bula. Preço: 3\$000.

DYNAMOGENOL

VIDA DO CEREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

NO MUNDO DA CAROCHINHA

(Continuação)

casamento. Nesse caso os três — dona Carochinha, o sr. Maribondo e a garçô — poderiam ir tranquilamente residir no Altiplano. Como única resposta, o sr. Maribondo, sincero, bonachão e franco, disse que no que se referia a amor e matrimônio, só a própria Mary Mel, interessada no caso, é quem poderia decidir.

— E' tanto quanto sei, prezado sr. B. Zouro, até o presente momento o coração de minha filha nem em sonhos palpitou pelo senhor.

E ao acabar de dizer isto, sorrindo, informou que Mary Mel não tardava a chegar.

CAPÍTULO II

NO dia seguinte, após uma prolongada ausência, regressa às Terras Baixas, transbordante de entusiasmo e otimismo, o jovem Gafa Nhoto, mais conhecido na intimidade pelo apelido de Nhotinho. Ao se inteirar da desgraça ocorrida com a família do sr. Maribondo, o rapaz ficou bastante preocupado. E' que Nhotinho tem o seu pensamento voltado para Mary Mel, a garçô a quem ele realmente ama e em cuja presença enrubece com extrema facilidade.

Desnecessário é dizer que o B. Zouro, ao saber do inopinado regresso do seu rival, ficou furo de raiva. Mais tarde, ao descobrir que um transeunte jogara uma ponta de cigarro aceso nas proximidades, arrastou-a até ao armazem do sr. Maribondo, na esperança de que ocorresse um novo incêndio. O sr. Maribondo por certo teria que obrigar sua filha a se casar o mais depressa possível, não com o Nhotinho, é lógico, pois o rapaz está desempregado, mas com ele, o mequiavélico B. Zouro.

Quando o sr. Maribondo viu que um cigarro aceso caíra no telhado do seu armazem, prorrumpiu em gritos angustiosos. E o B. Zouro, que propositadamente se achava nas proximidades, logo surgiu com o seu mavioso sussurro:

— Sejam os coerentes, sr. Maribondo. Isto não é local onde se viva. Eu já não lhe tenho prevenido dos riscos constantes a que o senhor está sujeito?

Gafa Nhoto, sem perder tempo com palavras inúteis, lança-se imediatamente à extinção do incêndio. E como não dispunha de outro recipiente à mão, para buscar água, apedora-se do guarda-chuva do sr. B. Zouro e sai à procura de uma torneira.

Zumzum, que está sempre pronto a ajudar o próximo, coloca-se



ASA BRIES
MOBILIÁRIOS
TAPEÇARIAS
CORTINAS
LINDOLEUNS
NOVIDADES
PREZENTES

65-Rua da CAROCHA-67-110

VINHO RECONSTITUINTE
"GRANADO"

TÔNICO
NUTRITIVO
ESTIMULANTE
FORTIFICANTE

Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUACAO
FARM. PARACUCEL SAUT. R. 100-1-0

sem demora ao lado de Nhotinho. E ao verificar que o rapaz não podia atravessar as ruas congestionadas por um tráfego intenso, Zumzum empreende um vôo de mergulho e vai enfiar o seu ferrão no pescoço do inspetor de veículos, que, aturdido, dá um longo apito, paralisando todo o tráfego e provocando um abaloamento de automóveis.

Nhotinho, ao observar o acidente, desistiu de ir procurar torneiras, pois um dos automóveis deixou cair uma boa quantidade de água, que foi aparado pelo guarda-chuva do sr. B. Zouro e conduzida às carreiras para o local do incêndio.

Uma vez chegando às Terras Baixas, Gafa Nhoto verificou satisfeito que os bombeiros já haviam retirado o cigarro de cima do telhado do armazem. Mas para que não resultassem de todo inúteis os seus esforços, ele resolveu jogar o líquido sobre o cigarro aceso, para apagá-lo mais depressa. O resultado foi uma tremenda explosão, pois o líquido que ele colhera do automóvel era nada menos do que gasolina... Felizmente a explosão não teve maiores consequências, pois ninguém ficou ferido e os danos materiais foram insignificantes.

Contentes por haver livrado o armazem da voragem do fogo, Gafa Nhoto e Mary Mel decidem comemorar o acontecimento num elegante clube noturno da cidade.

Seguindo ordens do sr. B. Zouro, Mosquitão e Pernilongo seguem os jovens namorados, mas não conseguem entrar no estabelecimento, sendo barrados pelo porteiro. Espiando por uma fresta, eles contemplam encantados um dos números do "show"; e pouco depois, num momento de distração do porteiro, penetram no clube noturno.

Nhotinho e Mary Mel estão dançando uma inebriante valsa, quando os dois capangas, irritados com a satisfação dos jovens, procuram atingi-los com um enorme prego.

CAPÍTULO III

AONTECEU, porém, que o prego, em vez de atingir os dançarinos, alcançou um fio condutor de corrente elétrica, produzindo perigosas faíscas e centelhas, uma das quais foi justamente atingir o Mosquitão.

Nhotinho, que possui um coração de ouro, ao ver a situação difícil em que se encontrava o frágil inseto, acode em seu auxílio. Mal, porém, liberta o Mosquitão, ele próprio vem a ser envolvido pelo fio elétrico, provocando um curto-circuito, do que resultou ficar inteiramente às escuras o

clube noturno, com exceção da "eletrificada" silhueta de Nhotinho. E o pobre coitado, sob o efeito da corrente elétrica, contorce-se desesperadamente, como se estivesse dançando o mais movimentado dos "swings". até que por fim consegue libertar-se ainda com vida...

De regresso às Terras Baixas, Mary Mel e Gafa Nhoto trocam juras de amor, e este último, em homenagem à sua eleita, interpreta uma linda canção romântica.

Quasi ao chegar em frente ao armazem do sr. Maribondo, Mary Mel despede-se do seu amado atirando-lhe um beijo... Nhotinho só faltou pular de alegria; e asobriando alegremente, rumou para o seu lar.

Os famigerados Mosquitão e Pernilongo, que não perderam um só detalhe do passeio dos jovens, correram a contar o sucedido ao chefe B. Zouro.

No dia seguinte, quando Gafa Nhoto, todo fagueiro e sorridente, passava pelas Terras Baixas, viu-se repentinamente cercado por um grupo de meninos que se divertiam jogando uma partida de futebol. As correrias desenfreadas dos traquinas jogadores fizeram tremer o solo das Terras Baixas, o que motivou uma precipitada fuga dos insetos, que, nervosos e em pânico, procuravam às carreiras esconder-se em latas velhas, vidros vazios, buracos e sapatos abandonados, não faltando quem se metesse até no interior de uma caneta-tinteiro quebrada, temerosos todos de ser atingidos pelos pés dos garotos.

Quando um dos jogadores de futebol, sem reparar, ia esmagando com o salto do sapato a cabeça de Nhotinho, este, de um pulo magistral, foi cair dentro de uma lata vazia. Porém o garoto, insistindo em demonstrar suas habilidades no esporte bretão, dá um pontapé na lata, jogando-a a grande altura. O pobre Gafa Nhoto desta vez foi cair num caixote de madeira, onde encontrou o sr. Maribondo e a sedutora Mary Mel, que se haviam refugiado ali. Ambos relataram a Gafa Nhoto que a invasão de elementos estranhos naquelas paragens começara logo, após ter sido derrubada a grade que circundava a residência dos Dickens. E o velho, desalentado e sombrio, acaba por implorar ao rapaz para que pense numa solução que os livre daqueles continuos sobressaltos.

Gafa Nhoto, já agora mais do que convencido dos reais perigos que constantemente põem em perigo a vida dos insetos, e impressionado com o apêlo feito pelo sr. Maribondo, convence aos habitantes das Terras Baixas de que devem abandonar aqueles sítios o mais depressa possível, e aconse-

Tratar a prisão de ventre com

PILULAS DE BRISTOL,

que asseguram uma suave e perfeita limpeza do estomago e intestinos, é o mesmo que renovar estes órgãos, e isto importa em um optimo funcionamento.

ISK

SOFRE DE CATARRO E NÃO OUVES BEM?

O aturdimiento, provocado pelo catarro, é muito incómodo e aborrecido. As pessoas que não ouvem bem, que sofrem de zumbidos nos ouvidos e padecem de aturdimiento catarral, encontram pronto alívio tomando PARMINT — o remédio realmente eficaz no tratamento da afecção catarral. Pela sua ação tonificante, Parmint reduz a inflamação do ouvido médio, causadora do catarro. E uma vez eliminada a inflamação, cessam os zumbidos nos ouvidos e a dor de cabeça, e desaparecem gradualmente o aturdimiento e a dificuldade de ouvir. Parmint é obtido em qualquer farmácia ou drogaria.

Todos que sofrem de catarro, aturdimiento catarral e zumbidos nos ouvidos, farão bem experimentando Parmint.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



Inumeros atestados medicos comprovam que «Gysa» é o produto que deve ser o preferido pelas senhoras sensatas.

lha-os a ir viver nos belos jardins de uma casa próxima dali, onde poderão desfrutar uma existência mais tranquila e confortável. Os insetos convencidos e confiantes, seguem as instruções de Nhotinho e dirigem-se para o tal jardim, que efetivamente é um verdadeiro paraíso.

Uma vez lá chegando, quando menos esperam, rebenta a mangueira com que o jardineiro está regando as plantas, e uma tremenda inundação invade a residência dos insetos, por pouco não matando afogados os pobres infelizes. Desiludidos, eles regressam tiritando de frio para as perigosas Terras Baixas.

Mosquitão e Pernilongo não perderam tempo e foram contar ao chefe a mudança do povoado para o jardim, e o desastre que os forçou a sair de lá. O sr. B. Zouro fica mais contente ainda ao saber que o responsável pelo ocorrido fora o seu rival, Gafa Nhoto, autor da idéia da mudança. E achando que a ocasião era a melhor possível para uma nova ofensiva amorosa, dirige-se para o lar de sua amada.

CAPÍTULO IV

OS insetos, depois de escapar da inesperada e perigosa inundação, tiraram suas vestes e as deixaram ao sol, a secar. Nhotinho, que realmente fôra o causador involuntário da tragédia, passeia entre os seus companheiros, mas não consegue sequer que eles retribuam os seus bons-dias.

Ao entrar no armazem do sr. Maribondo, o velho, ao saudá-lo, dá um violento espirro, que faz com que a porta da rua vá bater precisamente no nariz do pobre rapaz. Este, julgando que a pancada foi proposital, sente-se a mais infeliz das criaturas.

Desejando desabafar com alguém, Nhotinho procura entabular conversação com o Baboso, um atrevido caracol que o mira de alto a baixo, e acrescenta, em tom azedo:

— Eu não lhe disse, "seu" intrometido!

Acabrunhado e tristonho, Nhotinho ausenta-se das Terras Baixas e dirige-se à velha mansão dos Dickens, onde Dick e Mary, os bondosos entes humanos que habitam a casa, se dedicam a compor uma linda melodia que, esperam eles, lhes dará fama e fortuna, permitindo-lhes assim pagar a hipoteca e fazer os reparos de que o imóvel necessita. Nhotinho fica escutando a conversa e vai animando-se à medida que ouve as esperançosas palavras do simpático casal.

(Continua adiante)

Neste meio tempo, o sr. B. Zouro correu ao encontro dos pais de Mary Mel, insistindo em acusar Gafa Nhoto como o único culpado da fracassada mudança.

— Em vista do que tem sucedido, — ponderou o insidioso B. Zouro, não acha o senhor que a melhor cousa que tem a fazer é aconselhar sua filha a aceitar minha proposta de casamento?

Quando o sr. Maribondo ia responder, surgiu o Gafa Nhoto com a boa nova de que os seres humanos, donos da velha casa onde estão localizadas as Terras Baixas, se acham em vésperas de receber uma grande quantia. Explica que Dick e Mary compuseram uma linda melodia, cujos direitos autorais darão para reconstruir a casa, com grades e tudo. Só o que falta é o carteiro trazer o cheque da casa editora, em pagamento da música.

Ao tomar conhecimento do fato, o sr. B. Zouro afasta-se e dá ordens a Mosquitão e Pernilongo, seus capangas, para que impeçam por todos os meios e modos que o cheque chegue às mãos dos Dickens, o que por perto os dois meliantes impedirão.

Como o tempo continuasse a correr, e os insetos verificassem que a situação nas Terras Baixas ia de mal a peor, surgiu uma onda de inquietação a respeito da realização dos felizes prognósticos de Nhotinho. E a inquietação logo se transformou em pânico quando eles souberam que Dick e Mary haviam perdido a casa, em vista de não terem resgatado a hipoteca! Efetivamente, pouco depois alguns operários começaram a fincar no chão algumas estacas, dando início à demolição do prédio, para que no local fosse iniciada a construção de um imponente arranha-céu.

No primeiro momento, ao saber que se pretende erigir um novo edifício no terreno que era dos Dickens, o sr. B. Zouro fica contentíssimo, pois sabe bem que os habitantes das Terras Baixas terão que emigrar. Mas sua alegria dura pouco, pois ele não tarda a verificar que também o Altiplano será atingido pela ação das picaretas...

O Mosquito sugere, maliciosamente, ao seu chefe, que ofereça o Altiplano ao sr. Maribondo, em troca da mão de Mary Mel. O B. Zouro acolhe a sugestão com agrado, e não vacila em apresentar a Mosquitão os seus parabens pela idéia luminosa. Porém Nhotinho, que se achava próximo quando essa palestra foi mantida, pôe-se frente a frente com o B. Zouro e diz-lhe que vai correndo às Terras

NO MUNDO DA CAROCHINHA

(Conclusão)

Baixas revelar a espécie sórdida de inseto que ele é!

Infelizmente, o rapazinho não pode cumprir sua ameaça. E' que Mosquitão e Pernilongo, obedecendo às ordens do chefe, correm no seu encalço e conseguem dominá-lo, dando um nó em suas patinhas. Assim, sem poder locomover-se, Gafa Nhoto é conduzido à casa dos Dickens e metido no envelope que Mosquitão e Pernilongo interceptaram, e no qual se acha o cheque da casa editora. Para completar a tarefa, eles fecham o envelope, escondendo-o debaixo da escada dos Dickens.

CAPÍTULO V

O astucioso B. Zouro, finalmente livre do seu importuno rival, cre' chegado o momento oportuno para insistir na realização do seu matrimônio. E por sua vez Mary Mel, julgando-se abandonada pelo seu amado e querendo auxiliar seus pais, concorda em desposar B. Bouró.

São então iniciados os preparativos para a espetacular boda, uma boda como nunca se viu naquelas paragens!

Deslumbrantes mariposas trazem belíssimas flores de presente para a noiva. Alguns habilidosos insetos constroem sobre a herva uma imponente catedral, afim de que a cerimônia nupcial tenha o máximo esplendor. As aranhas tecem suas redes em torno das rosas, produzindo o efeito de maravilhosos vitrais. E ainda as moscas, dando o seu apoio, colocaram lacinhos de fita num punhado de lírios, contribuindo de modo brilhante para o ornamento da Igreja.

Entretanto, os acontecimentos adversos ocorrem com demora rápida, pondo em perigo os planos róseos do sr. B. Zouro. E' que chegaram já os construtores, fizeram um exame nos terrenos do Altiplano e acham-se prontos para dar início aos trabalhos.

Não querendo ser surpreendido à última hora por um imprevisto, o noivo trata de apressar a celebração do casamento, antes que os demais insetos descubram que toda aquela zona está irremediavelmente perdida, haja ou não matrimônio. Os convidados começam a encher o improvisado templo, numa alegria franca e comunicativa. O sr. Maribondo e dona Carochinha, porém, é que dão a nota destoante, pois ao contemplarem sua filha ser conduzida ao altar aos braços do sr. B. Zouro, mais parecem um vale de lágrimas do que futuros sogros de um milionário.

A cerimônia é iniciada. Ouvem-se os acordes da marcha nupcial e os noivos ajoelham-se. No momento exato em que o sacerdote pergunta a noiva se é de sua livre e espontânea vontade que ela recebe aquele homem por esposo, os trabalhadores dão início às escavações, precisamente no local onde os insetos haviam construído a catedral. Num abrir e fechar de olhos, a boda é interrompida aos gritos de "salve-se quem puder!"

Aonde quer que se dirijam os insetos, esbarram em centenas de ferramentas e petrechos de construção, mal podendo livrar-se das pisadas mortais dos trabalhadores e das afiadas picaretas que varam a terra, a torto e direito. Os que ainda conservam ânimo suficiente para observar a tragédia que os atingiu, verificam que exatamente no local do antigo povoado das Terras Baixas estão sendo agora empilhados milhares de sacos de cimento, vigas de ferro, perfuradores, escavadoras, etc. Era o fim do mundo, não havia a menor dúvida!

Por um desses acasos felizes, que só muito raramente ocorrem, uma das máquinas escavadoras deixa cair uma pedra em baixo da escada da casa dos Dickens, indo a mesma atingir o envelope onde Nhotinho se encontra. O abnegado inseto recupera a sua liberdade, escapando por um dos furos feitos no papel, e sem perda de um minuto desfaz o nó que tolhia os movimentos de suas pernas. A seguir, vai à procura de sua amada, encontrando-a no justo momento em que o B. Zouro tentava raptá-la, com o auxílio de Mosquitão e Pernilongo.

O espetáculo que ele presenciava enche-o de cólera, dando-lhe forças não só para abater Mosquitão e Pernilongo, mas também uma violenta tunda no atrevido e audacioso B. Zouro.

Dias depois, quando já se acha bem adiantada a construção do arranha-céu, Dick e Mary vão em visita ao sítio onde se encontrava sua velha mansão. Contemplam tristonhos o progresso das obras e começam a fazer cálculos e projetos a respeito de sua felicidade futura, caso eles possam arranjar dinheiro para comprar um apartamento situado no último andar do arranha-céu, nesse mesmo arranha-céu que está sendo construído no terreno que era deles...

Mas — Dick e Mary bem o sabem —, para que tal sonho se tornasse realidade, necessário fora que a canção tivesse sido aceita pela casa editora, o que não aconteceu, pois eles não receberam o cheque...

Gafa-Nhoto, ao ouvir a conversa, empurra com suas patinhas o



grande envelope, fazendo o possível para que Dick e Mary o vejam. Mas os dois -se afastam do local sem sequer olhar para o chão...

CAPÍTULO VI

GAFA Nhoto não desanima, porém. Já que Dick e Mary não viram o envelope, ele, com grande esforço e revelando possuir invulgar senso de observação, arrasta o envelope até o caminho percorrido diariamente pelo carteiro. Espera ele que o funcionário postal, encontrando a carta abandonada na rua, entregue-a ao destinatário, o que trará, como consequência, paz e sossego não só para Dick e Mary, mas também para os habitantes das Terras Baixas.

Nhotinho corre a contar o sucedido aos seus companheiros, e convida-os a ir morar no último andar do edifício em construção. Os insetos, é claro, vacilam em acompanhá-lo, pois receiam ser vítimas de novas desgraças ocasionadas por suas idéias estapafúrdias. Mas o sr. Maribondo intervém, e depois de frisar que Nhotinho sempre agira animado pela melhor das intenções, incita os insetos a seguir-no confiantes.

Os bichinhos realizam a penosa ascensão, centímetro por centímetro, arriscando-se a toda sorte de perigos e vencendo mil e um obstáculos.

Mosquitão e Pernilongo, mal refeitos ainda da esfrega que lhes fora inflingida por Gafa Nhoto, saem à procura do sr. B. Zouro, para fazer juntos a escalada do prédio. Porém as dificuldades que lhes são impostas superam as dos demais. O sr. B. Zouro, por exemplo, se vê repentinamente envolto numa argamassa de cimento e está a ponto de ser esmagado entre dois tijolos, quando Mosquitão e Pernilongo acodem em seu auxílio, livrando-o de morte certa. Mal, porém, escapam de um perigo, me-

tem-se noutro peor, pois foram cair dentro de um balde que está prestes a receber chumbo derretido.

Nessa altura Nhotinho e seus companheiros chegam ao tope do edifício e teem a maior das decepções: não existe a tal casa sonhada por Dick e Mary! Nhotinho, desiludido e estupefato, não sabe o que dizer. E quando já se dispunha a ser alvo das acusações de seus companheiros, os filhinhos de dona Carochinha apontam para um bangalô situado no terraço do arranha-céu! Os insetos ficam loucos de alegria, pois sabem que ali, no jardim que rodeia a nova vivenda dos Dickens, poderão viver tranquilamente. E isto, graças ao heróico Nhotinho!

O B. Zouro e seus dois cúmplices, que também lograram alcançar o último andar do arranha-céu, acham-se atrás de uma viga de ferro e não conseguem ver a casa de Dick e Mary. Em determinado momento, porém, o B. Zouro avista Nhotinho tomar nos braços a encantadora Mary Mei, selando com um beijo o compromisso de um próximo casamento...

Neste momento os meninos de dona Carochinha, lebruçando-se no parapeito do alto do edifício, olham para a rua, lá em baixo, a muitos metros de distância, e um deles diz ao outro, sorrindo:

— Espia só os homens que estão andando na rua!... Como são pequeninos! Até parecem insetos!... E seremos mesmos?...

PRESA DE GUERRA



SOLDADOS norte-americanos da infantaria da Marinha examinando uma parte da presa de guerra feita na ilha de Guadalcanal, no arquipélago das Salomão, onde os Estados Unidos conquistaram uma esmagadora vitória. Os japoneses sofreram consideráveis perdas em homens e material. (Clichê da Inter-Americana).

O PÁRIA

(Solilóquio)

*A todos que na dor se encontram eu me enlaço,
de coração aberto á prece como ao grito...
Amparo ao pobre como ao rico estendo o braço,
e, entre o dever e o risco, avanço e nunca hesito...*

*Como Confucio ensina — o bem aos outros faço;
e como Cristo prega — o mal alheio evito;
e de outrem pela glória indiferente passo,
como se a minha ação obedecesse a um rito.*

*Entanto (é bem estranha a sociedade humana!),
opondo a vida intensa á incúria do nirvana,
calmando a ebullição da lava hereditária,*

*e me privar do mau prazer que sempre enladra,
apenas sou, em vez de um santo, aquém do sudra,
sob a ilusão de herói, um miserável pária!*

M. C. GUIMARÃES MORAES

DA FONTEZINHA

*O afluente é um lago, cujo alvor encanta,
lindo cristal que espêlha a lua cheia...
Se a brisa o encrespa, ingenuidade santa,
Julga-se um Mar, beijando a branca areia.*

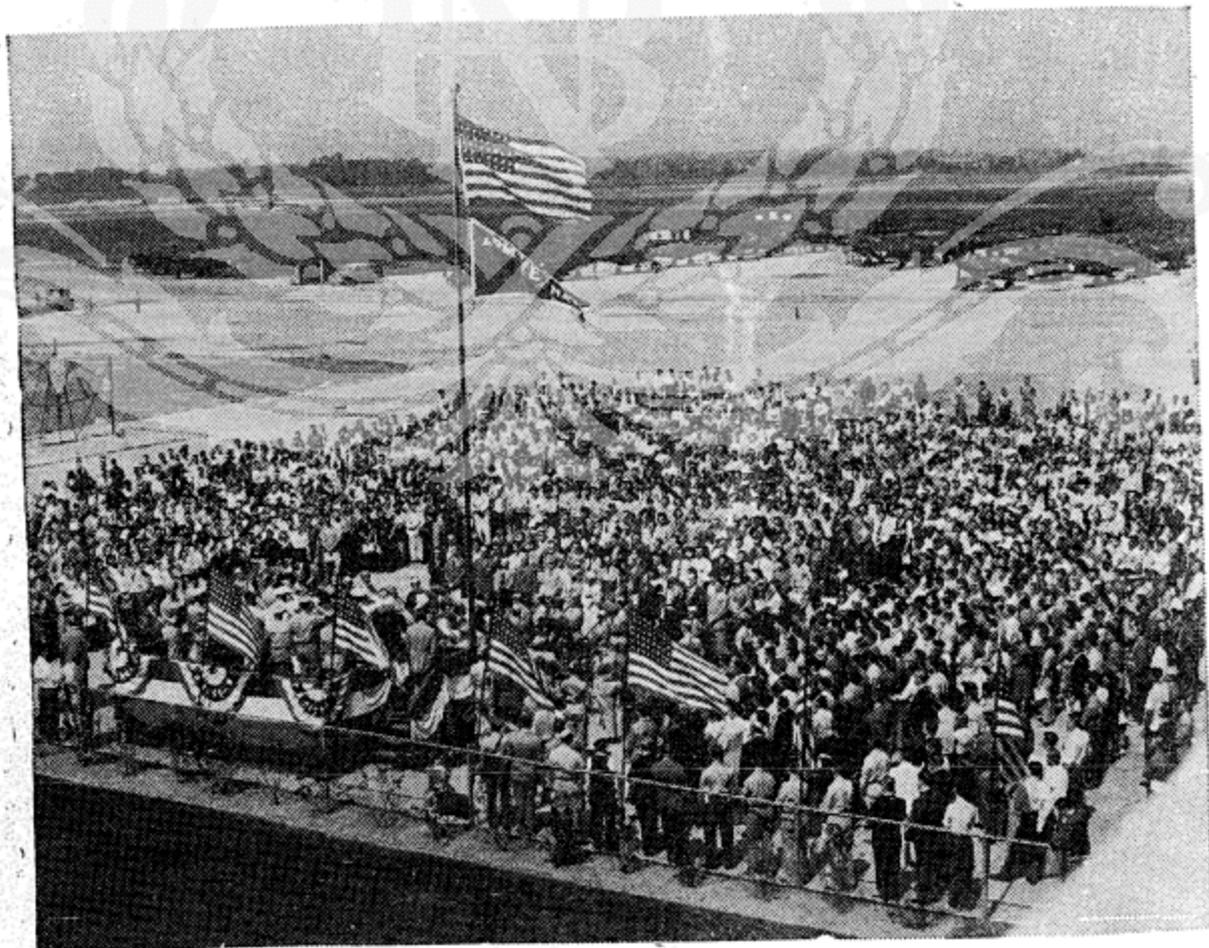
*A água vem de uma rocha e salta e canta.
E nos declives florestais serpêia
Alegre o ambiente. Refrigera a planta.
E corre e corre sempre, a tudo alheia.*

*Quando encontra empecilho no caminho,
ela o contorna, então, devagarinho.
Vencido êste, prossegue com firmeza*

*pára o lago, trilhando a trajetória.
E parece que vai dizendo a história
da sua tenda á própria Natureza.*

HORMINO LYRA

PRODUÇÃO BÉLICA DOS ESTADOS UNIDOS



OS trabalhadores de uma fábrica norte-americana de aviões assistem ao ato de entrega da insígnia que o Exército e a Marinha dos Estados Unidos concedem aos estabelecimentos industriais que mais se distinguem neste período de produção bélica. (Clichê da Inter-Americana).



(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Ou os que aqui estavam, em cima, nos atacaram cêdo demais, ou os que vinham, lá em baixo, chegaram demasiadamente tarde, talvez porque tenham sido retidos por qualquer coisa imprevista... De qualquer modo, a verdade é que escapamos de boa.

Reunidos no quarto de Florinda, Beaurevers tomou a palavra:

— Senhor conde — disse, com gravidade, — conheceis bem a situação. — Eu já previa o que está se passando, e deixei meus dois homens falarem, para que ficásseis completamente a par das ocorrências.

— E realmente estou completamente inteirado — respondeu Francisco II, sublinhando a última palavra.

— Que pensais fazer? — continuou Beaurevers, por sua vez também sublinhando bem suas palavras.

Florinda, que estava ali ao lado deles e os escutava atentamente, compreendeu que tais palavras encerravam um sentido oculto, um significado entretanto bem claro para os dois interlocutores. E não se enganava, pois que a pergunta do cavalheiro realmente encerrava esta outra: "Dar-vos-eis a conhecer?"

Na verdade, este seria o meio mais expedito e infalível para saírem daquele apêto. A Francisco II não precisava mais que arranjar o bigodinho e os postigos que o desfiguravam, e então, escoltado por Beaurevers e seus homens, apresentar-se aos chefes daquela expedição armada. Os senhores de Bragelonne e Gabaston conheciam o rei, e quanto aos arqueiros e alguazís também era provável que o tivessem visto pelo menos uma vez, pelo que logo o reconheceriam. Não havia ordem de ministro que pudesse opor-se a uma palavra do rei; todas as instruções de magistrados e oficiais seriam letra morta, desde que Sua Majestade, o ordenasse, e Rospignac, com sua gente, havia mesmo de ter todo o cuidado em fugir, para que não os visse Francisco II.

A pergunta de Beaurevers, tão vulgar quanto parecia em toda a sua simplicidade, na realidade significava tudo aquilo que Beaurevers não perguntara, mas que Francisco II bem compreendeu.

Florinda, entretanto, não podia entender o que havia naquelas profundezas do pensamento dos dois. Mas, por outro lado, compreendeu que os estorvava, pelo que se apressou em sair do quarto, tendo o cuidado de fechar a porta atrás de si. Em vez de passar para o outro quarto, entretanto, que foi o pretexto que deu ao ausentar-se, deixou-se ficar ali, com o ouvido junto ao buraco da fechadura.

Desgraçadamente para a sua curiosidade, porém, Beaurevers, apesar de seus poucos anos, era raposa velha, e conhecia instintivamente todas as astúcias. Além disso, já suspeitava que a jovem tivesse descoberto o incógnito do rei.

Posto isso, burlou a curiosidade de Florinda, pois que Francisco II, a quem advertiu com um olhar logo

compreendido, continuou a falar com palavras que alguém os ouvisse:

— Compreendo, cavalheiro, mas o que me parece que devemos fazer é muito simples: — ficar aqui, e defender-nos.

Brilharam de alegria os olhos de Beaurevers. Mas, sem mostrar seu entusiasmo, respondeu, gravemente:

— Pedoi-me se insisto, porque vale a pena. Não vos parece que devíamos avisar vosso parente, o senhor Griffon? O senhor Griffon vos tem em muita conta, e muito vos estima, e o rei também estima muito o senhor Griffon. Estou certo de que, se ele pedir ao rei, Sua Majestade enviará alguém para tirar-nos deste atoleiro.

— Não duvido da amizade do meu parente, e do favor especial com que o distingue o rei ao seu gentil-homem camareiro de confiança — respondeu Francisco II, sorrindo. — Mas... me aconselharíeis vós, cavalheiro, que desse êsse passo?

— Sim — respondeu, prontamente, Beaurevers, sem vacilar — e em qualquer outra circunstância tão crítica como a atual, eu vos daria o mesmo conselho.

Francisco II olhou-o por alguns instantes, com ar pensativo, para dizer-lhe, depois, com muita doçura.

— Obrigado, cavalheiro. Não esquecerei jamais a prova de amizade e carinho que me dais, aconselhando-me cousa tão contrária a seu caráter.

Mas, com a firmeza que revelava claramente sua resolução irrevogável, continuou:

— Mas não aceito por agora vosso conselho. Estou sob a guarda de vossa espada invencível, e isto me basta. Não sei como, porém, estou cabalmente convencido de que, sem a ajuda de quem quer que seja, haveis de tirar-nos, sãos e salvos, desta ratoeira em que calmos.

Assim falando, Francisco II se pôs de pé, para dar a entender que o assunto estava terminado. Beaurevers imitou-o e, não podendo conter-se, exclamou, alegremente:

— Por todos os santos dos céus! Bem sabeis, conde, que no fundo eu aprovo inteiramente vossa resolução.

— Eu bem o sabia — respondeu o rei. — Dizei-me agora: que vamos fazer?

Perguntava em um tom em que transparecia viva curiosidade.

— Esperar até à noite — respondeu, tranquilamente, Beaurevers. — Depois de terem dado busca ao bairro, e terem prendido alguns desgraçados e inocentes protestantes, o lugar-tenente do preboste terá que levantar acampamento e ir-se com suas tropas. Será então ocasião de sairmos nós. O importante será resistir até essa hora, e por isso respondo eu.

— Mas, se as tropas não se retirarem? Ou ainda, se, depois de se retirarem os soldados, ficarmos sitiados pelo populacho enfurecido?

— Neste caso abriremos passagem á viva fôrça, e burlaremos o inimigo, aproveitando a obscuridade; a não ser que...

— ... vendo que não nos podem prender — interrompeu o rei. — nos fumeguemos, como fazemos á caça em suas tocas... atirando fogo a esta casa.

— Sim, senhor... E' realmente a única cousa que temo. Mas confio nos anjos do paraíso que não lhes virá essa idéa infernal. E agora, mãos á obra, senhor conde. Começemos por estudar o terreno.

O quarto era interior, e abria sua janela para o quintal traseiro da casa. Beaurevers e Francisco II chegaram a essa janela, e o cavalheiro calculou sua altura.

— Um bom salto! — disse. — Muita sorte seria precisa para cair lá em baixo sem quebrar o pescoco.

— Tendes razão — respondeu o rei. — Seria precisa uma escada, ou pelo menos uma corda, para podermos descer por aqui.

— Veremos isso depois — respondeu evasivamente Beaurevers. — Talvez que as janelas do pequeno quarto da frente deem para a casa contígua, e possamos escapar por ellas.

Examinou atentamente o quintal, gravando em sua mente a conformação exata daquele lugar; e depois de estar seguro de que a memória não o enganaria, examinou também a travessia da Cúria, e o horizonte.

Dalí, daquele seu observatório, via-se muito bem a travessa, já porque a altura proporcionava essa visão, já porque só havia duas ou três casas á margem daquele caminho, e assim mesmo bem distantes umas das outras, embora unidas, na frente da rua, por um muro que não era muito alto, semelhante ao que se estendia pela travessa do Prado Pequeno, e igual também ao que havia na rua dos Pântanos, onde as vendas tinham sido construídas espaçadamente e não se tocavam, por ser o bairro muito novo, estando mesmo situado fora dos muros da cidade. Essa disposição das casas lhes permitia observarem também a rua do Sena, á esquerda, e um pouco mais distante a abadia de Saint-Germain, á direita.

Quanto ao horizonte, mais distante, pouco mais do que a rua Echaude se poderia ver dali; era antes também uma travessa, com algumas casas velhas, de um lado, tendo do outro o paredão da abadia. A vista dali alcançava apenas até a encruzilhada onde estava o pequeno torreão da abadia.

Beaurevers observou tudo isto de um só olhar, rápido e seguro, não lhe escapando um só detalhe. Passou então a olhar outras cousas.

Viu que os guardas começavam a formar cordões de isolamento pelas ruas e travessas.

— Poderíamos facilmente escapar dessa gente, ou, em caso contrário, romper essas linhas á viva fôrça — disse.

— Sim — respondeu Francisco II. — Mas, para escapar á rede, ou para rompê-la, precisamos descer.

— Tudo se arranjará — foi a resposta do cavalheiro. — Mas observei com que cuidado e silêncio se movem os soldados.

— A surpresa seria total, se não fôssemos avisados. A' frente dos infantés iam os cavalariános, procurando não fazer ruído, e quando deixavam atrás de si a última casa, perdiam-se pelo prado.

— São os batedores — disse, ironicamente, Francisco II. — Querem atingir a rua dos Pântanos por ali, enquanto os arqueiros e guardas tomam posição. Mas precisamos de tempo para que estes cheguem.

— Mas não tardarão — disse Beaurevers, fechando os postigos da janela, e voltando a examinar a habitação onde se achavam.

Uma cama, uma mala ao pé desta, uma poltrona e dois vasos com azinheiros compunham todo o mobiliário, além de mais dois banquinhos de madeira. Beaurevers tomou esses dois banquinhos, os vasos e a poltrona e os levou para o patamar, dizendo:

— Projéteis.

Contemplou a mala-bau, como medindo-lhe as dimensões com um olhar, para dizer depois:

— Talvez que possa servir-nos.

Dirigiram-se os jovens ao corredor, e Beaurevers, chamou:

— Bouracan!

O colosso apareceu imediatamente.

Beaurevers colocou os dois banquinhos de madeira, um sobre o outro, perto da janela-mezanino colocada no alto, quasi junto ao teto, e trepou sobre elles, enquanto Bouracan o sustentava naquela posição, que lhe permitiu assomar com a cabeça á pequena janela.

No prado, os cavalariános avançavam em fila indiana, até atingir a rua dos Pântanos. Beaurevers chegou á conclusão de que, por aquela janela, ou melhor, por aquele buraco colocado tão em cima, não poderiam fugir, pois que a casa contígua tinha apenas um andar, o térreo, pelo que seu telhado ficava muito lá em baixo, e era muito íngreme, de tal sorte que qualquer tentativa de evasão, por aquele lado, seria mortal.

Saltou para o chão e, designando os banquinhos de madeira a Bouracan, disse-lhe:

— Leva-os e que fiquem ao teu alcance para o primeiro momento.

Olhando, depois, para os corpos ensanguentados que jaziam ali sobre o patamar, ordenou, em seguida:

— A propósito... Os corpos desses pobres diabos que aí estão poderão estorvar-nos. E' preciso levá-los ao patamar do andar de baixo. Carrega-os, e depressa, porque a função vai começar.

Respondendo a uma muda interrogação do rei, disse: — Por aqui nada poderemos tentar. Vamos ver o outro quarto.

Florinda, com o ouvido no buraco da fechadura, tinha, entretanto, apanhado a parte mais interessante da conversação, e, caminhando nas pontas dos pés, havia-se retirado para o outro quarto, quando sentiu que elles iam sair.

— E' a primeira vez — pensava ella — que ouço Beaurevers e o senhor conde do Louvre falarem desse senhor Griffon a quem, parece-me, o rei nada negará, se elle pedir... e esse Griffon, por sua vez, faz tudo quanto o senhor conde lhe peça... Quem será esse Conde do Louvre, por quem Beaurevers zela com tão grande sollicitude, e a quem dá conselhos que estão em luta com a sua maneira de pensar e de agir? E onde poderia eu encontrar esse senhor Griffon? Supponho que seja no Louvre, já que occupa o lugar de gentil-homem camareiro de confiança do rei...

A entrada de Francisco II e de Beaurevers interrompeu a sua reflexão.

— Quando quiserem restaurar as fôrças, de que necessitam para levar a cabo a empresa terrível que vão enfrentar — disse ella, — poderão os cavalheiros servir-se, pois que já lhes preparei a mesa.

Mostrou-lhes, risonha, uns frangos assados, um quarto de carneiro, um presunto inteiro, meia dúzia de salchichões, várias costelas de veado, uns vinte pãesinhos bem tenrinhos e duas canastras, que continham uma dúzia de garrafas, cada uma. Em uma palavra, mais do que era necessário para acalmar a fome e a sede de uns vinte gigantes.

— Pelo papa! — exclamou Beaurevers, vendo tanta comida. — Aqui, pelo menos, não correremos o perigo a morrer de fome!

— Nem de sede — acrescentou Francisco II, indicando a lareira, junto á qual se viam alinhadas outras garrafas.

— Tinha suspeitas de um assédio, e preparara-se para resistir-lhe? — perguntou Beaurevers.

— Não... Nada disso! — respondeu Florinda, sem deixar de rir. — Se tivessem de confiar somente em mim, estariam condenados, não digo a morrer de fome, mas a uma dieta ou a um jejum forçado, porque como

muito pouco e somente bebo água, pelo que não haviam de encontrar aqui provisão alguma. Mas é que os homens que me invadiram a casa não são como eu e, como vedes, tiveram a precaução de trazer consigo o necessário para não morrer de inanição, e de aborrecimento. Felizmente para vós, os cavalheiros chegaram antes que eles pudessem devorar tudo.

Triste e pensativa, entretanto, apontou para o que havia sobre a mesa:

— Mas é que... hoje é sexta-feira... E esses descrentes não se privavam de nada...

— Está certa de que hoje é sexta-feira? — perguntou Beaurevers, em tom zombeteiro.

— Pois então, não é?

— Então, já que não somos descrentes, como esses desgraçados que aqui estiveram, temos o dever de cumprir com o que nos manda a Santa Madre Igreja.

— Que pena!... — exclamou, ingenuamente, Francisco II a quem, com franqueza, não se lhe dava de abocanhar um pouco, sentindo a sua boca cheia d'água.

— Mas... Que dizem os Santos Mandamentos? — proseguiu Beaurevers, em tom doutoral, o dedo levantado. — Dizem: "Não comerás carne às sextas-feiras e nos dias de abstinência, se tiveres outra coisa para comer".

— Ah!... ah!... — deixou escapar Francisco II, rindo-se, a mandíbula batendo. — Mas, cavalheiro, estais seguro de que os Santos Mandamentos dizem mesmo isso?

— Estou certíssimo, conde — insistiu Beaurevers, com toda a seriedade. — Quem me ensinou isso foi um cura que era um verdadeiro sábio. Vejamos... Haverá por aqui algum alimento que não seja carne?... Não há!... Podemos achar em qualquer lugar comida que sirva para abstinência?... Não!... Temos apetite?... Uma fome canina!... Pois então, de acordo com as Santas Escrituras, tratemos mas é de comer o que há. Deixem estar que eu me arranjaré com o diabo, quando for ocasião.

Riram-se os três. Mas, a pesar de que estes gracejos demonstravam que a gravidade das circunstâncias não lhes fazia perder o bom humor, nem o apetite, Beaurevers nem por um só momento esquecia a situação em que se achavam, aproximando-se da janela que dava para a rua dos Pântanos.

Viu que do Prado até à rua do Sena já estavam formados os cordões de forças de cavalaria, que se organizavam em perfeita ordem e no máximo silêncio. E irto se fazia com tanta discreção, que os habitantes daquela zona, em sua maior parte, nem tinham percebido que lhes estavam sitiando as casas.

Os cavalarianos, bastante separados uns dos outros, estavam tesos, calados e imóveis em suas selas. Um deles postara-se junto aos corpos que tinham sido precipitados da janela ao meio da rua, e, de quando em quando, levantava a cabeça, como receando que lhe caíssem outros em cima. Não se tendo apeado, entretanto, não pôde saber se estavam vivos ou mortos, não sabendo também se precisavam de socorro. A única coisa que tratou de fazer, e o que lhe permitiam as ordens rigorosas que trazia, era evitar que seu cavalo pisasse os corpos daqueles pobres coitados.

— Esse soldado — disse Francisco II — está ali de sentinella e espera, iniludivelmente, os agentes do preboste, que levem dar uma busca nesta casa em que estamos.

Beaurevers concordou, com um aceno de cabeça, e fechou a janela.

— Mas ainda havemos de ter pelo menos um par de minutos — disse, pois que Trinquemalle nos avisará.

Examinou aquela parte da casa, que servia ao mesmo tempo de cozinha e de copa, onde Florinda devia fazer as suas refeições. O mobiliário era, também, muito simples, compondo-se de quatro banquinhos, uma mesa, um modesto aparador, e o trem de cozinha,

mas logo se notava que era tudo muito limpo e reluzente.

— Tem azeite? — perguntou o cavalheiro à jovem. Florinda compreendeu logo o uso que elle queria fazer do azeite, mas teve de responder-lhe negativamente, movendo a cabeça.

— Muito pouco... ou melhor, nada, para o que pensa fazer.

Beaurevers sacudiu os ombros, e chamou:

— Strapafar! Corpodibale!

O gascão e o italiano apareceram imediatamente.

— Levem isto — disse-lhes o cavalheiro, ao mesmo tempo que lhes indicava os banquinhos.

E depois lhes perguntou:

— Desentulharam o patamar?

— Sim, senhor cavalheiro.

— Está bem — proferiu este.

Beaurevers continuou sua inspeção, e, lançando o olhar em derredor, deu com a armação de ferro da lareira, que ali se collocava para sustentar a lenha, e que não é pregada ao solo.

— Levem esses ferros também.

Virando-se então para o rei:

— E' pouca coisa, mas, sempre há de servir para qualquer fim.

E, agora, voltando-se para Florinda:

— Minha querida, não pode dizer que a enganei, porque avisei que fâmos entrar em sua morada e pôr tudo a saque. Por isso, creio mesmo que melhor será despedir-se de tudo quanto tinha aqui.

— Não se preocupe com isso — disse a jovem, com nobre desprendimento — e pense somente em sua defesa.

— Senhora — disse-lhe Francisco II, com sinais evidente de comoção — podéis crer que não olvidaremos jamais o que com tão boa vontade tendes feito por nós.

— Ora!... — exclamou ella, voltando a rir, com a sua risada cristalina, que era o mesmo tempo uma demonstração de seu espirito jovial e destemeroso. — Por causa de uns banquinhos, e alguns vasos velhos! Que valor ou importância poderão ter? O senhor de Beaurevers sabe muito bem — acrescentou, agora retomando seu aspecto serio e tom de gravidade — que, com muito gosto, derramaria até meu sangue por elle.

Beaurevers, que tinha horror aos sentimentalismos, cortou logo o diálogo perguntando:

— Tem por aqui alguma corda, Florinda?

— Não — disse Florinda, deixando escapar um suspiro, ao mesmo tempo que olhava para a janela. — Mas posso ir buscá-la.

— Onde?

— Nada mais fácil... Na primeira loja que encontrar aberta, na rua do Sena.

— Mas acredita que a deixem sair?

— Por que não? — perguntou a jovem, imperturbável. — Não é a mim que procuram, é muito evidente. E, depois — acrescentou, com orgulho — sou muito conhecida e, graças a Deus, todo mundo sabe que sou católica fervorosa, pelo que me deixarão passar. E, entre todos os arqueiros que vigiam a rua, e os outros soldados que vieram com elles, garanto como não hão de encontrar dez que não me conheçam pelo nome. Talvez que, obedecendo a quaisquer ordens secretas, não me deixem passar, mas garanto que não me hão de fazer mal algum. Acredito que conseguirei passar.

— Quem sabe? — disse Beaurevers, não muito convencido.

— Nada se perde com experimentar — acrescentou a jovem.

— Está bem... Tenta... Mas, Florinda, não basta passar por elles e chegar á rua do Sena e comprar a corda... E' preciso voltar, e trazê-la.

— Os arqueiros talvez que a deixem sair, mas duvido muito que lhe permitam depois a volta — acrescentou o rei.

A jovem bem compreendia que teria de arcar com dificuldades, naquela tentativa, mas não quis dar seu braço a torcer.

— E' provavel — respondeu — e por isso mesmo não voltarei por ela...

Vendo que Beaufort fazia um gesto de surpresa, tratou imediatamente de acrescentar:

— Espere, cavalheiro. Permita que eu lhe explique — disse, em tom mais ou menos cerimonioso, tendo perdido aquela jovialidade, por compreender a responsabilidade de seu ato. — Não sei porque, mas me parece que a rua do Sena não está tão bem vigiada quanto esta, e creio que facilmente poderei entrar em uma casa daquela rua, passando-me para seu quintal, e deste, fácil me será vir ao quintal ai dos fundos, até por debaixo da janela do meu quarto. Uma vez ali, farei um sinal, isto é, baterei palma, uma vez. Se me responderem, muito bem, e agiremos; se não responderem, esperarei que chegue a noite, se for necessário. Você me chamará quando achar oportuno o momento. Jogarei uma pedra amarrada a uma ponta de barbaente... Ou... E' verdade, o fio com que me amarraram em cima da cama poderá servir para o caso... Você desce o fio, e eu ato a ponta da corda. Puxam o barbante e... está pronto! Que tal acham do meu plano?

Florinda falava com calor, e até se esquecia de tratá-los como fizera até ali, empregando o "vós" cerimonioso. O perigo comum, parece que a irmanava também ao Conde do Louvre, como irmã se considerava de Beaufort.

— Admirável! — exclamou Francisco II, entusiasmado e não parecendo ter notado o tratamento da jovem.

— Mas, se por minha culpa viesse a succeder-lhe qualquer desgraça, Florinda, eu nunca me perdoaria! disse-lhe Beaufort, mostrando mesmo seu nervosismo retorcendo o bigode.

— Nada me succederá — respondeu a jovem, resolutamente. — Estou tão certa de que tudo sairá como planejei, que vou fazer a prova imediatamente. Não tendes, cavalheiros, nenhuma ordem a dar-me?... Nenhuma mensagem que desejeis que eu leve?

Assim falando, e embora não o quisesse, seu olhar se fixara no rei, pelo que Beaufort, que a olhava, pensou:

— Não há dúvida que escutou a nossa conversa. Foi mesmo uma sorte ter eu prevenido o rei com um gesto.

A-pesar-desses pensamentos, o cavalheiro virou-se para o rei, dizendo-lhe:

— Se pensou melhor, deve o senhor conde aproveitar a ocasião.

Mas Francisco II encolheu os ombros, respondendo: — Muito agradecido, linda jovem, mas não tenho recado, nem mensagem alguma a confiar-vos.

— Só nos resta agradecer-lhe de todo o coração, Florinda, a empresa a que vai expor-se, e da qual talvez dependa a nossa salvação — rematou Beaufort.

O rei então tomou-lhe uma das mãos, e a levou aos lábios, beijando-a respeitavelmente, como se fôra uma das damas mais aduladas da Corte.

— Se logramos escapar vivos desta aventura — disse-lhe o rei, visivelmente comovido — podeis ficar certa de que não olvidarei jamais o serviço que nos prestastes.

Florinda também estava mais comovida do que queria deixar transparecer e, para dissimular sua emoção, pôr-se a rir e disse-lhe, ameaçando-o graciosamente, com um dedo levantado:

— Então, como é isso? Duvidais acaso de minha ciência? Esqueceis a minha predição?

— Por certo que não!

— Pois então não deveis duvidar que saireis daqui vivo e são, pois que foi isso que eu prognostiquei: — que viverá ainda muitos anos.

Proferiu essas palavras com a ênfase teatral que sempre punha nas suas predições e Francisco II, que era por demais supersticioso para não se deixar sentir impressionado, retrucou, em tom jovial:

— Aceito o augúrio.

— Mas — observou Florinda, muito séria, — não vos esqueçais de que o Destino quer que o ajudem...

— Mas naturalmente que o ajudarei! — Cavalheiro — disse êle, voltando-se para Beaufort, — lutarei como dez, para que o Destino não tenha a menor razão de queixa!

Com o coração oprimido pela angústia, tendo ela saído e descido pelas escadas, o rei e o cavaleiro se aproximaram da janela e a viram, já no meio da rua, dirigindo-se para a do Sena, com sua desenvoltura habitual, sorrindo, ao mesmo tempo que saudava os arqueiros, tratando-os por seus nomes e êles, tesos em suas selas, retorciam os vastos bigodes, trocando olhares entre si, como que querendo dizer:

— Viste? Ela me sorriu... Sabe como me chamo!

Não levantou a cabeça uma vez sequer, embora estivesse certa de a espia-vam daquela janela, com olhar ansioso. E foi somente ao dobrar a esquina, penetrando na rua do Sena, que se voltou ligeiramente, e lhes fez um sinal de despedida, com a mão.

— Pobre pequena!... — murmurou Beaufort.

— Repito que é tão linda quanto é boa, e tão discreta como valente — disse Francisco II. — Desde o primeiro momento em que a vi, fui atraído pela simpatia que se irradiava dela, e tomei-lhe amizade e carinho. Por isso, cavalheiro, quero assegurar seu futuro, e fazê-la feliz, desde que me seja possível. Verá se o Conde do Louvre sabe ou não demonstrar regiamente o seu agradecimento.

SITIADOS!

A rua do Sena, de ordinário tão apazível e silenciosa, acabava de encher-se de ruído e movimento. O lugar-tenente do grão-preboste, a cavalo, á frente de seus cinquenta arqueiros a pé, acaba de fazer irrupção naquela rua, em direção á dos Pântanos. O senhor de Bragelone parecia que estava de muito mau humor.

De ambos os lados dessa força, como cobrindo seus flancos, viam-se uns indivíduos de má catadura de olhar avesso, de caras patibulares, armados, uns de espadas, que levavam desembainhadas, outros, de folces, alguns com grossos cacetes, e outros com alabardas; gente cuja presença era tolerada, sem dúvida, por ordens transmitidas por Rospignac.

A maior parte daquelas hordas, entretanto, compunha-se de estudantes que, a-pesar-das ordenanças e regulamentos severísimos de proibição, iam armados de punhais e de espadas, caminhando ás próprias barbas do lugar-tenente do preboste, ao qual se apresentava, por conseguinte, uma ocasião esplêndida para aplicar ditos regulamentos, confiscando as armas proibidas, e impondo gordas multas aos contraventores.

Mas o senhor de Bragelone tinha outras cousas muito mais sérias em que pensar. E' que, por trás dos estudantes, iam uns cinquenta bandidos bem armados, por sinal que excitando a multidão que seguia a tropa. Não restava a menor dúvida que tinham sido pagos pelo barão de Rospignac, para aquela aventura perigosa.

Fechava a marcha o chefe da ronda, senhor Gabotton, também a cavalo, á testa de cinquenta guardas. Dos cem homens restantes, cinquenta naviam passado pela travessa da Curia, e dirigiam-se também para a rua dos Pântanos e os outros cinquenta iam escoltando o lugar-tenente do preboste.

Os soldados do príncipe de La-Roche-sur-Yon naviam-se espalhado pela travessa e pelo Prado da

Cúria, formando um cordão de isolamento, que se estendia da rua do Sena até ao muro que se levantava ali no Prado e terminava na rua dos Pântanos.

Gabaston, com sua gente, deteve-se á esquina da rua do Sena com a travessa da Cúria, e os alguazis começaram, imediatamente, suas operações policiais de busca e detenção.

Esses alguazis entravam nas casas e as revistavam, em todas as suas dependências, com as maiores considerações, se tinham a certeza de que ali encontravam bons católicos, mas com um rigor verdadeiramente bestial, se suspeitavam que se tratava de heréticos.

Estavam tão bem informados que, pela maneira como se dirigiam aos moradores, podia dizer-se antecipadamente, sem temor de um equívoco, se morava naquela casa gente católica fervorosa, ou malditos protestantes. Rospignac podia estar orgulhoso, e com razão, dos trabalhos preliminares que fizera, pois não havia dúvida que tudo aquilo era obra sua.

Dai a razão pela qual Florinda pôde sair sem dificuldade de sua vivenda, explicando-se também por que podia ela circular livremente, naquele momento. Rospignac, que a amava, com amor violento e brutal, com paixão animal, mesmo, se quisessem, não deixava de ser sincero, a-pesar-de bruto. Rospignac, que a desejava ardentemente e zelosamente a protegia, certo de que um dia havia de possuí-la, dera ordens claras e terminantes a respeito dela. Foi Rospignac, realmente, quem ordenou a invasão de seu domicílio, mas também foi elle que ordenou que não lhe fizessem mal algum, embora tivessem de amarrá-la e amordaçá-la, como fizeram, e lhe dissessem que prontamente seria restituída á liberdade.

Florinda abriu passagem entre a multidão compacta daqueles homens armados e seguiu, graciosa e ligeira e tão rapidamente que seus pézinhos pareciam que nem tocavam o solo, caminhando assim até a rua do Sena, onde quasi tropeçou em um indivíduo que ia muito apressado, e que ela reconheceu imediatamente: Guilherme Pentecostes.

Não havia morrido, como se poderia crer, nem sequer ficara ferido. Em geral os bandidos, e toda gente ruim, tem sempre uma sorte espantosa. A qualquer outro, que não elle, o tremendo pontapé de Beaurevers teria quebrado ao meio a espinha dorsal, e, na queda pela escada, rolando os degraus, teria quebrado o pescoço. Mas Guilherme Pentecostes sofrera, apenas, algumas contusões, e somente capengava um pouco.

Rospignac havia estabelecido seu quartel-general em uma casa á esquina da rua Bucí com a travessa da Cúria, e foi para ali que se dirigiu, o mais ligeiro que pôde, Guilherme Pentecostes.

No trajeto se lhe juntaram os homens de sua companhia, aqueles indivíduos a quem Beaurevers havia perdoado, e que tinham escapado daquela casa como lebres perseguidas pelos rafeiros. Depois de terem corrido ao acaso, levados pelo terror, o espirito de disciplina veio a dominar neles, fazendo com que voltassem seus passos em direcção á casa onde sabiam achar-se seu chefe supremo. Mas, o medo que tinham de Rospignac era tão grande, que não se atreveram a entrar, e deixaram-se ficar á porta do edificio.

Foi ali que os foi encontrar Pentecostes, que os intimou a que os seguissem, obedecendo elles sem dificuldade, pois, desde o momento em que seu superior immediato reassumiu o comando, somente a elle competia o espinhoso dever de informar, ao chefe terrível do Esquadrão de Ferro, a derrota e teria de arcar com o primeiro e mais furioso choque da raiva do barão.

Sem vacilar, e com toda a firmeza de passo que lhes permitiam as contusões recebidas no embate, subiram as escadas, e entraram na saleta onde se achava Rospignac.

O barão ali estava colocado, e por um desvão via tudo quanto se passava: á direita, uma grande parte da rua do Sena; á esquerda, a encruzihada onde se

levantava o "torreão dos castigos" da abadia; e, em frente, um bom trecho da travessa da Cúria, com o cordão de guardas. Estes, pensava o barão, estavam muito separados uns dos outros. Rospignac dominava também o Prado da Cúria, vendo perfeitamente a casa onde teria de desenrolar-se a cena principal desse drama que elle havia habilmente preparado.

Enganar-se-lam quem, vendo Rospignac escondido em um desvão, na saleta de uma casa afastada do local da luta, quando seu posto devia ser mesmo no lugar onde a ação deveria ser decisiva, viesse a supor que se tratava de um covarde. Nada disso. Rospignac era valente. Aqui não se tratava porém, apenas de sua segurança pessoal; em beneficio daqueles por quem fora empregado para aquella empresa terrível, não podia elle nem devia deixar-se ver nos arredores da casa onde iria passar-se esse acontecimento terrível: o assassinio do rei de França!

Deu logo pela presença de Pentecostes, e advinhou, immediatamente, que havia ocorrido qualquer coisa desagradável. Lívido, então, cego pelo ira, uma raiva fria e terrível o dominou; e, correndo para a porta, abriu-a violentamente.

Por isso, chegando em cima, Guilherme Pentecostes já o encontrou nos umbrais da porta, de pé, e viu que um tremor convulso o tomava todo; Rospignac tinha a mão trêmula apoiada no cabo de seu punhal.

— Pentecostes! — perguntou, com voz tonitruante, espantosa e selvagem — Que é que houve?... Por que abandonaste teu posto?

O bandido lançou um olhar dissimulado para a escada, estudando a retirada estratégica, para que não alcançasse o golpe de morte que, sabia perfeitamente, estava prestes a ser-lhe dirigido. Por isso, mantendo-se a respeitável distância, replicou:

— Senhor barão, peço-vos que consulteis vosso relógio de Nuremberg e me digais se era esta a hora combinada para a chegada dos agentes do preboste e dos arqueiros.

Rospignac tirou seu relógio, maquinalmente, e olhou para seu mostrador, deixando escapar uma praga:

— Maldição! Pelas tripas de São Pedro! Por que chegaram tão tarde esses arqueiros do diabo, a quem o inferno confunda e leve de uma vez para as caldeiras de Bezebú?

A astúcia de Pentecostes dera o resultado esperado por elle; a fúria de seu amo passara do principal para o accessório e, em vez de estalar sobre a cabeça do bandido, se virava contra os agentes do preboste. Pentecostes podia já acercar-se de seu amo, o que fez.

— Mais de vinte minutos de atraso! — exclamou elle, tomando a ofensiva, e tornando-se de acusado em acusador. — Mas isto é uma loucura! Por todos os diabos! Essa gente é muito comodista, e não se atormenta por nada! Mesmo por nada! Arre! Aposto que, se tivessem estado em nosso lugar, e tivesse caído sobre eles aquele dilúvio de estocadas e, o que é peor, de pauladas que mofam as nossas costelas, tinham logo abandonado a refrega e "dado o fora"!

— Mas, com todos os raios e trovões!... Por que esse atraso? — rugiu Rospignac, no cúmulo do desespero.

— Quando vim para cá ouvi dizer que, ao passar pela Universidade, se encontraram com Monsenhor o Cardeal de Lorena, e Sua Eminência deteve o Senhor de Bragelone, para pedir-lhe explicações sobre o significado daquela procissão armada.

— Maldito seja elle! — exclamou Rospignac, no paroxismo da raiva. — E tu também, miserável! Canalha! Ave de mau agouro! Sim, que, sem dúvida, vens anunciar-me uma derrota, que faz ruir todos os meus planos, tão bem arquitetados!

— Mas escutai, senhor barão — prosseguiu Pentecostes, em tom lastimoso. — Nós éramos apenas deztoito e elles eram seis, e não apenas dois, como me informastes, porque os quatro miseráveis que seguem

Beaurevers, como se fôsem sua sombra, não foram eliminados, conforme havíamos combinado. Foram eles que nos atacaram pelas costas. Lembrai-vos, senhor barão, que nos prometestes uma gorda recompensa se conseguíssemos matar o jovem, e pegar com vida ao cavalheiro de Beaurevers; mas, sabendo que era tarefa difícil, lembrai-vos, também, do que nos dissestes e quero repetir aqui as vossas palavras: — "O que desejo, somente, é que se mantenham lutando por cinco ou seis minutos; o tempo necessário para que cheguem os outros em seu auxílio, e peguem os dois pelas costas". Pois bem, senhor barão; não foram apenas cinco minutos, mas quinze, que nos mantivemos em briga com eles.

Mentia descaradamente, mas sabia muito bem que não seria desmentido por seus companheiros. E continuou:

— Um quarto de hora, senhor barão, é demais... quando o adversário se chama Beaurevers! Estamos dezolto, e sobrâmos apenas seis! No patamar da escada, em frente ao quarto de Florinda, encontrará dez corpos estendidos e ensanguentados, e, no meio da rua, em frente à casa desgraçada, mais dois corpos, feitos em pedaços, dois companheiros que foram atirados pela janela da altura daquele terceiro andar, com terrível violência! Eu mesmo estou todo machucado, pois me fizeram rolar as escadas, e só por milagre não se quebraram todos os ossos do meu corpo!

Rospignac ouvia, andando para um e outro lado, como se fôra uma fera enjaulada. Arrancava os cabelos, e logo passou a gritar:

— Malditos sejam quantos fizeram fracassar um plano tão bem combinado! Raios partam os Guise, que não sabem fazer nada bem, e atrapalham somente quem trabalha para eles... E agora? Que poderei fazer? Como poderei justificar-me perante a rainha?

Voltando-se subitamente para Pentecostes, agarrou-o pela garganta, gritando, cheio de raiva, e sacudindo-o como se fôra um cachorro:

— Como te atreves a olhar-me assim, com esses olhos brancos e parados de animal estúpido? Não comprehendes, canalha, que, tendo deixado escapar Beaurevers e o jovem que o acompanhava, estou perdido, deshonrado, arruinado e morto?... Eles já devem estar muito longe daquela casa, de onde fugiram como vocês fugiram deles!

— Senhor barão — tartamudeou Pentecostes, meio sufocado — eles não podem escapar...

— Que dizes?

Com essa pergunta, que fazia o barão tremer de esperança, soltou êle o pescoço de sua vítima.

— Pelas tripas do diabo, senhor barão, tendes as mãos muito pesadas e os dedos muito duros!... Digo-vos que eles continuam naquela casa, e eu desafio que saiam dali!

— Tens certeza disso?

Fazendo essa pergunta, Rospignac passou, de repente, do mais negro desespero à mais delirante alegria.

— Aí continuavam quando os deixei.

— Sim... E depois?

— Tomais-me por um novato, senhor barão? — replicou Pentecostes, ferido em sua dignidade. — Deixei gente vigiando, e, se tivessem seguido sair, já eu teria sido avisado. Mas ficai tranqüillo... Não sairão!

— Mas, então, nem tudo está perdido, pelas tripas de Judas! Vai, corre, vae, Pentecostes! Vai para lá, e trata, desta vez, de não fracassar, senão...

— Em todo caso a empreitada me parece muito difícil — disse o bandido, que parecia haver perdido todo o entusiasmo.

— Leva quantos homens te parecerem necessários, e arranja-te como bem quizeres! Incedela a casa, se for preciso! Entra a ferro e fogo, no bairro, faze o que bem entenderes..., mas não quero que saiam vivos dali! Raios e trovões! Maldito, eu, que não posso di-

rigir em pessoa este serviço! Anda, Guilhermo, que já perdeste tempo demais, e lembra-te do que te prometi, se te saíres bem!

— Está bem, senhor barão. Morreremos todos aí, se for preciso, mas eles não se rirão de nós!

Tendo dito estas palavras, pouco elegantes, mas enérgicas, Guilhermo Pentecostes saiu a correr, acompanhado dos quatro ou cinco companheiros que o esperavam à porta da casa.

REFORÇO INESPERADO

ENTRETANTO, os emissários de Rospignac precisavam encontrar um pretexto para sublevar a multidão que se lhes juntara, fingindo-se estudantes e lacaios de boas casas. Mas esse pretexto bem depressa encontraram, sem mesmo procurá-lo. Bastou que se lhes deparassem os dois cadáveres que jaziam no meio da rua, de barriga para o ar, aí bem em frente à porta da casa de Florinda.

Levantou-se um rumor surdo, que aos poucos foi aumentando, até que se converteu em enorme clamor de indignação.

— Os hereges assassinaram dois bons católicos! — gritou logo uma voz possante.

— Temos de vingá-los! — foi imediatamente a resposta que veio de cem bocas ao mesmo tempo.

— Morram os herejes!

— A' força os calvinistas!

— A' fogueira com os protestantes!

— Vamos a eles, minha gente! Acabemos com eles!

Francisco II, que estava postado aí na janela da cozinha, e os olhava, disse, imperturbavelmente:

— Vai começar o barulho.

— Dizei melhor, que vai começar o brinquedo — retificou, tranqüillamente, Beaurevers.

Nesse momento entrava Trinquemaille, que lhes vinha dizer que os arqueiros tinham entrado na casa.

— Eu os vi — disse Beaurevers. — Chegou o momento de começarmos a luta. Vou contigo.

— E eu os acompanho — acrescentou Francisco II, em um tom que não admitia réplica.

Foram os três para o patamar. Beaurevers ficou bem no topo da escada, para ser o primeiro a enfrentar a quem subisse até aí. Levava também consigo um dos ferros da lareira, para utilizar-se dele como projétil, no caso em que sua espada viesse a quebrar-se, o que não seria impossível. Por detrás dele postou-se Bouracan, com aquela enorme barra de ferro que apanhara, e aí estava para substituir seu chefe, caso precisasse êste de descansar por alguns momentos, ou ficasse ferido.

Quanto a Francisco II e a Trinquemaille, não deviam tomar parte no começo da luta. Com um olhar, porém, Beaurevers deu a entender a Trinquemaille que sua missão era muito mais importante do que poderia supor, pois consistia em defender o Conde do Louvre, e com isso deixar-se matar antes que pudessem os atacantes sequer tocá-lo. Trinquemaille devolveu-lhe o olhar, e Beaurevers leu, naqueles olhos, que bem tinha sido compreendido, e que podia ficar tranqüillo.

Tais disposições pareciam mais que perfeitas aos quatro valentes acostumados como estavam a achar sempre perfeito o que fazia, ou o que dizia seu chefe. O mesmo não sucedia, porém, a Francisco II, que não pôde evitar um gesto de contrariedade, vendo que não contavam com êle para cousa alguma, naquela luta que ia ser travada.

— O verdadeiro valor não está em expor temerariamente a vida — disse-lhe Beaurevers, a quem não passara despercebido aquele gesto. — Permito-me recordar-vos que sois vós quem menos deve expor-se, salvo no caso em que haja absoluta necessidade de fazê-lo. Mas ficai tranqüillo, que me parece que essa ocasião vai chegar... Até sairmos desta ratoeira...

Estas palavras consolaram um pouco o jovem conde. Quanto aos quatro ex-gentis-homens da rainha, estavam radiantes de alegria. A luta era, realmente, o seu elemento. Salvo raras exceções, era á mesa ou no combate que seu chefe lhes permitia fizessem toda espécie de estrago que tivessem vontade de fazer.

— Parece-me — disse Strapafar, dando uma gargalhada — que vamos desforrar-nos e desta vez vamos divertir-nos bastante!

— “Ya” — disse Bouracan, com sua voz de baixo profundo, e em que se notava qualquer ressentimento. — Vamos divertir-nos..., é verdade..., mas o senhor cavalheiro de Beaurevers foi colocar-se no melhor lugar...

— “Peccato!” — rosou Corpodibale, também com certo ar de inveja. — Mas estás logo atrás dele, e ésse lugar és tu quem vai ocupar... e ainda te queixas!

— Por São Pancrácio, ésse Bouracan nunca está contente com o que tem! — exclamou Trinquemaille.

— Não tenho a culpa que meu pai me tenha feito assim — disse o flamengo, em sua linguagem gutural. Iam continuar naquela discussão, mas Beaurevers intrometeu-se no que diziam:

— Atenção!... Começa o ataque!
Enganava-se, porém, pois que não se deu o esperado ataque. Entretanto, vinha de baixo um ruído ensurdecedor, estrépito de louça quebrada, retinir de aço que se choca contra aço, imprecações surdas ás quais se seguiram logo gritos de dor e de angústia. Era, enfim, o tumulto bem característico de uma luta tremenda, no primeiro andar.

— Bofé!... — disse, alegremente, Beaurevers. — Parece que os arqueiros caíram sobre gente que não gosta que se intrometam em sua vida, e de apanhar sem dar algum cousa em trôco... E' um bom começo.

Desta vez não se enganava. Realmente, os arqueiros tinham derrubado, no primeiro andar, uma porta que não haviam aberto tão depressa quanto eles queriam, sendo que essa resistência bastou para que as autoridades considerassem suspeitos de heresia seus moradores, passando, como de costume, a tratá-los brutalmente.

A velha criada, que acorrera á porta para abri-la, ante as fortes pancadas que davam com os copos das espadas, não teve tempo de avisar seus amos do que se passava, e foram invadindo a casa, encontrando os moradores sentados á mesa, pois eram cinco horas, isto é, o momento mesmo do jantar.

Dez pessoas ali estavam sentadas á mesa sobre a qual brilhavam finos cristais, e prataria; o fono da casa, rico bruguês, sua mulher, dois filhos seus, e seis convidados, os quais se puseram imediatamente de pé, ante aquela intempestiva e bárbara irrupção.

Horror! Cousa inominável, inaudita, abominável, espantosa e, ao mesmo tempo, inegável! Ante o dono da casa estava uma grande travessa com frangos assados, sendo que éle se dispunha mesmo a trinchar um deles. Frangos assados em uma sexta-feira! Horrível sacrilégio!

— Olá!... — disse, sarcasticamente, o official que comandava aquela pequena força invasora. — Vejo bem, senhores hereges, que não podem negar absolutamente que são mesmo hereges.

O anfitrião tinha nas mãos os instrumentos com que ia esquartejar os apetitosos frangos. Não tratou, absolutamente, de negar cousa alguma e confessou nobremente, que tanto éle como todos os membros de sua família e todos os convidados ali presentes pertenciam á nova religião, e que essa religião deixava completa liberdade a seus adeptos para alimentar-se como e com o que melhor lhes apetece.

— Muito bem! — exclamou o official. — Então escreva que confessou seu crime, e que se jacta de ser herético.

E, dirigindo-se a seus soldados, comandou:

— Recolham os frangos, para corpo de delicto, e prendam a todos os que aqui estão!

Prender a todos... A ordem era mais fácil de dar do que de ser executada, como bem depressa compreenderam e viram os arqueiros.

Entre os convidados estavam dois officiaes dos exércitos do rei de Navarra, e éssees dois bravos militares não estavam dispostos a deixar-se prender por aqueles soldados. Por isso, rapidamente desembainharam as espadas e logo dois arqueiros, que estendiam os braços para éles, caíram com os peitos atravessados por aquelas lâminas de aço de Toledo.

Entre os arqueiros produziu-se um movimento de verdadeiro estupor. Mas bem depressa os agredidos, estimulados pelo exemplo dos dois officiaes, também desembainharam suas espadas e, em um abrir e fechar de olhos, outros quatro soldados da polícia caíram exánimes e banhados em seu próprio sangue, junto aos corpos dos seus dois companheiros.

Rapidamente os arqueiros reagiram, querendo vingar seus camaradas, pelo que se generalizou a luta. A grande mesa virou de pernas para o ar, fazendo-se em estilhaços louça e cristais; a mulher e os meninos deixavam escapar gritos de pavor e de angústia, e o pacífico burguez fazia esforços baldos para acalmar seus hóspedes bellicosos, que não o ouviam, e não davam um descanso ás mãos. Os protestantes, incitantes uns aos outros, compreendendo bem a situação, gritavam:

— A éles!... Não ha quartel!
Os arqueiros gritavam, pedindo reforços. E o sangue corria.

Os agentes da polícia estavam perdendo terreno; mais dois os três haviam caído fora de combate, e os seis endemoninhados huguenotes, que, por um verdadeiro milagre, estavam completamente ilesos, continuavam a horrível carnificina. Assim, aos gritos e lamentos de angústia e de pavor da mulher e dos meninos, juntavam-se os ais dos feridos e moribundos. Compreendendo os arqueiros que não podiam tomar a praça, começaram a bater em retirada. Sairam para o patamar daquele primeiro andar e, ali chegando, apressaram-se em correr escadas abaixo, muito mais rapidamente do que haviam subido.

Excitados pelo triunfo, os protestantes perseguiram os fugitivos. Mas viram que havia, no andar térreo, cercando a escada, uma pequena multidão de acólitos de Rospignac e estes, temerosos de que lhes fugisse a presa, iniciaram um novo assalto. Compreendendo a situação, os rapazes deram meia volta e subiram pelas escadas até o segundo andar. Ali começava aquela estreita subida, por onde podia ir apenas um pessoa, tão apertada era, e que ia ter ao terceiro patamar. Mas o inimigo vinha sobre éles... Lá em cima, porém, havia mais gente, e viram Beaurevers que, éle só, lhes parecia, sem dúvida, mais terrível que todos os seus perseguidores juntos.

Afortunadamente, porém, Beaurevers percebeu logo a situação.

— Pelo Papa! — exclamou éle. — Chegam-nos reforços! E' o céu que no-los envia!

Apanhou a grossa barra de ferro de que se munira, e gritou, sem mesmo virar a cabeça:

— Segue-me, Bouracan!

Em dois saltos, pode-se dizer, estava éle no patamar inferior, acompanhado do colosso. Os protestantes tiveram um momento de vacilação, allás muito natural e explicável, mas logo se tranquillizaram ouvindo Beaurevers, que lhes dizia:

— Queiram ter a bondade de subir, senhores, mas bem depressa, porque a escada é muito estreita.

Quatro deles não esperaram a repetição da ordem, ou conselho. Mas os dois officiaes, adivinhando as intenções do cavalheiro, que, com Bouracan, se dispunha a defender aquele recanto, logo se puseram a seu lado. Por isso, quando os assaltantes chegaram áquele patamar, esbarraram com aquelas quatro espadas má-

gicas, que estavam em todas as partes ao mesmo tempo. A escada, que dava para baixo, era ali suficientemente larga para deixar passar quatro homens ao mesmo tempo, de frente.

— Um, para cada um de nós — disse Beurevers, tranquilamente, ao mesmo tempo que esticava o braço para um golpe a fundo.

Ouviu-se um grito de dor.

— Lá vai um — disse Beurevers, que começava a excitar-se.

— Sois um valente! — murmurou um dos oficiais.

E Beurevers, que por momentos o olhou, dirigiu-lhe um sorriso, mas um daqueles terríveis sorrisos que lhe assomavam aos lábios, quando combatia.

Ouviu-se outro grito de dor, e a voz trovejante de Bouracan, que dizia:

— Dois!

— Três! — rugiu o oficial que falara antes. — Arre! Pelo menos não se dirá que só vós podeis despachar essas almas para o inferno!

— De quem é a vez, agora? — perguntou Beurevers, cuja espada fazia um molinete em redor de sua cabeça. — Venham a mim, cordeirinhos... Não quero ao menos fazer-me uma pequena sangriazinha?

Mas é que eles não lhe atendiam ao convite. Não se aproximavam e, pelo contrário, desandaram escada abaixo. Não é que fugissem, mas retiravam-se do alcance do aço inimigo, para combinar um novo plano de ataque, pois que aquela inesperada e enérgica resistência os havia desconcertado.

Compreendendo Beurevers que seria muito curta a trégua, aproveitou aqueles momentos para dizer:

— Agora queiram fazer o favor de subir, meus senhores. Eu lhes peço.

Os dois oficiais protestaram:

— Abandonar a partida sem ter feito nada! — exclamou, furioso, um deles, aquele que não conseguira derrubar o adversário que tivera em sua frente.

— Quereis que nos retiremos? — perguntou o outro. — Por quem nos tomais, senhor?

— Obedecei, senhores — retorquiu Beurevers, — se não quereis que eu me veja obrigado de fazer-vos subir, á força.

Disse isso sem levantar o tom de sua voz, mas com tal expressão, que os dois oficiais, logo subjugados, não se atreveram a replicar. Enquanto subiam a escada, entretanto, mais comovidos e desnorteados pelo tom e pelos modos do cavalheiro do que pela luta que acabavam de ter, murmuravam, tomados de verdadeiro assombro:

— Mas que diabo de homem é este?...

— Acaba de salvar-nos, e logo ameaça estrangular-nos!

Entretanto, no patamar daquele segundo andar, que eles tinham deixado, começava a luta; bandidos, criados e estudantes lutavam como podiam; mas, logo ao primeiro choque, caíram quatro deles, com o que imediatamente se reiniciou a retirada dos atacantes.

— Agora sobe tú — Bouracan! — ordenou o jovem cavalheiro.

O colosso, como de costume, obedeceu passivamente. Beurevers ficou, sozinho, no patamar, tão espantoso, tão imponente, que seus inimigos nem se atreviam a mover-se.

— Voltem para o canil, cães de mau figado, que não fazem outra cousa que ladrar! — gritou-lhes, rindo, o cavalheiro. — Não querem? Pois aí vai uma pedra para enxotá-los!

E á palavra seguiu-se a ação, pois que Beurevers toma do pesado pedaço de ferro que encontrara na lareira, e joga-lhes em cima. A fuga foi tão rápida, que todo o bando se encontrou, como por encanto, no patamar do primeiro andar. Isto é, todo o bando é uma maneira de dizer, pois que o pedaço de ferro, lançado com grande força sobre eles, rompeu o cráneo

de um, as costelas de outro e mais uma perna do último alcançado.

Então, sem se apressar, Beurevers também subiu.

— Agora eles vão retirar os feridos e mortos — disse, com tanta calma, que encheu de espanto os protestantes que ainda não o conheciam.

Chegando ao terceiro andar, dirigiu-se aos senhores da Reforma:

— Podemos descansar por alguns instantes, senhores. Desejo que me perdoeis se, há pouco, vos tratei com pouca consideração; mas tenho a certeza de que os senhores compreenderam, desde logo, que não havia tempo para cumprimentos e fórmulas de cortesia.

Inclinaram-se eles, cortêsmente, e um dos oficiais, falando em nome de seus companheiros, disse:

— Permiti-nos, entretanto, que não deixemos para mais tarde exprimir-vos nosso agradecimento, pois creio que vos somos devedores de nossas vidas.

— Eu também creio — respondeu Beurevers, friamente — mas creio, também, que será por pouco tempo.

— Oh! — exclamou, surpreso, o oficial. — Mas não nos mataram ainda, e asseguro-vos que estes senhores, meus amigos, e eu próprio estamos firmemente resolvidos a defender-nos até o último momento, e juramos que não nos deixaremos agarrar vivos.

— Exatamente o mesmo se dá com estes senhores e comigo — respondeu Beurevers, saudando seus companheiros.

— Também professam a nossa religião?

— Que religião?

— Por Deus! A reformada... a única verdadeira, a...

— A verdadeira religião, em circunstâncias como a presente, consiste em salvar a própria vida, e a verdade é que as nossas estão em grave e iminente perigo.

Tais palavras, e o tom ao mesmo tempo frio e sarcástico com que foram pronunciadas aumentaram o assombro e admiração do valente oficial e seus correligionários.

— Seja como for, senhor — disse o mesmo oficial, — como estais decididos a defender-vos, com o mesmo propósito que o nosso, e já por uma vez nos salvastes a vida, podeis dispor de nós como melhor vos aprover.

— Aceito — respondeu Beurevers.

— Então podeis dar-nos vossas ordens.

— Escutai-as.

Designando então Francisco II, que se conservava á parte, ao lado de Trinquemaille, observando atentamente aquela cena, juntou, naquele tom de comando que lhe era peculiar:

— Vossos peitos servirão de escudo a este cavalheiro, e teréis de deixar que vos matem antes de permitir que toquem em um só fio de sua roupa..., na hipótese daqueles bandidos chegarem até aqui, o que realmente eu não creio que aconteça.

Os seis protestantes, a quem se ordenava que sacrificassem sua vida por um desconhecido, olharam o conde com a curiosidade natural do momento. A despeito de seu disfarce, o porte de Francisco II era majestoso, e seus novos defensores, acreditando que se tratava de um príncipe surpreendido em uma aventura galante, inclinaram-se ante ele. O oficial, com a espada na mão, como um soldado ante seu superior, disse, simplesmente:

— Vossas ordens serão cumpridas. Morreremos, talvez, mas ninguém porá as mãos em monsenhor.

O bom homem pronunciou a palavra "monsenhor" maquinalmente, mas viu um ligeiro sorriso nos lábios do rei, que lhe agradeceu com uma leve inclinação da cabeça.

— Está bem — disse Beurevers.

Certo de que dispusera de tudo como aprazia ao momento, o cavalheiro voltou a colocar-se no topo da escada.

(Continua no próximo número)

Verdum obscurum

De JOÃO DIAS DA MOTA

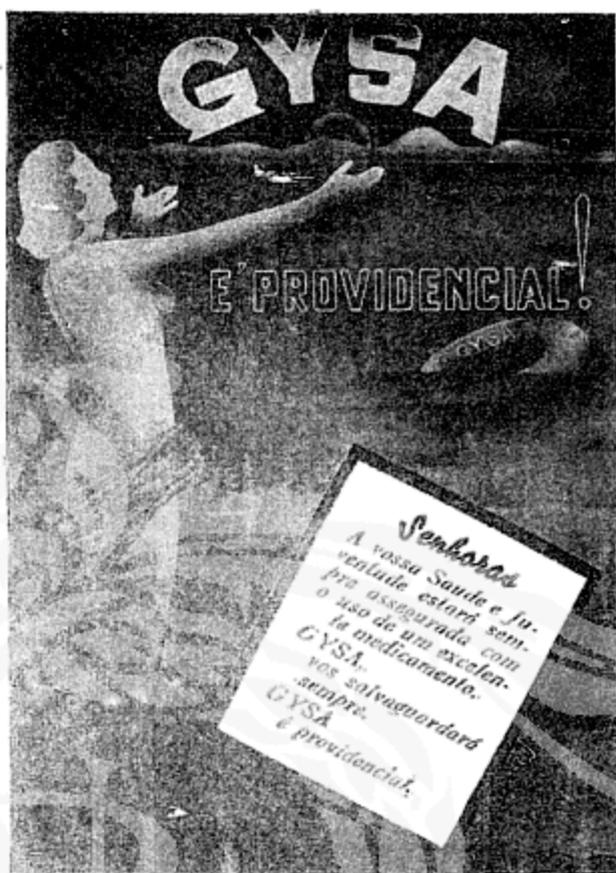
Não tendo forma no vocabulário,
Nem cor, nem vida, nem ação, nem luz,
O Verbo Escuro é o que melhor traduz
A dor que ensombra o mundo tumultuário.

Nenhum humano grilo extraordinário
Vibrou como o silêncio de Jesus,
Sufrendo, resignado, sobre a Cruz,
Os mais duros suplicios do Calvário!

Verbo das horas de agonias lentas,
Ninguém o escuta, e é um Cibo das Tormentas,
Rugindo na alma com estenêria voz!

Chamam-lhe alguns a voz da Consciência,
Mas eu só vejo nela a eloquência
Da palavra de Deus, reboando em nós!

Setembro — 1942.



INSTITUTO ABDON LINS

DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina.
Do Laboratório Bacteriológico da Saúde
Pública. Catedrático da Escola de
Medicina e Cirurgia. Docente da
Faculdade Nacional de Medicina.

SECÇÃO DE ANÁLISES CLÍNICAS:
EXAMES DE SANGUE, PÓS, ETC.
CONFECÇÃO DE VACINAS
AUTOGENAS, ETC.

RUA RODRIGO SILVA, 30

(1.º andar)

Telefone: 22-1885

Os romances de "Fon-Fon"

	Preço	Pelo Correio
Amores de Nanico — 3 fascículos...	Cr \$ 4,00	Cr \$ 4,80
O fim de Pardallan — 8 fascículos	Cr \$ 4,00	Cr \$ 4,80
O fim de Fausta — 8 fascículos...	Cr \$ 4,00	Cr \$ 4,80
O castelo Saint Fol — 9 fascículos	Cr \$ 4,50	Cr \$ 5,40
João Sem Meus — 6 fascículos....	Cr \$ 3,00	Cr \$ 3,60
Heroína — 14 fascículos.....	Cr \$ 7,00	Cr \$ 8,40
Don Juan — 7 fascículos	Cr \$ 3,50	Cr \$ 4,20
Rei Amoroso — 9 fascículos.....	Cr \$ 4,50	Cr \$ 5,40
O Rival do Rei — 7 fascículos....	Cr \$ 3,50	Cr \$ 4,20
A Rainha do Argot — 13 fascículos	Cr \$ 6,50	Cr \$ 7,20

PEDIDOS A

COMPANHIA EDITORA FON-FON E SELECÇÃO

RUA DA ASSEMBLEIA, 62 — RIO

"VOCE PRECISA DE KOLYNOS!"



EFICAZ · ECONÓMICO · REFRESCANTE